



De Volta ao País do Futuro:

Projeções, Crise Europeia e a Nova Classe Média

Coordenação: Marcelo Neri

De Volta ao País do Futuro: Crise Européia, Projeções e a Nova Classe Média / Marcelo Côrtes Neri - Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2012.

Back to the Country of the Future: European Crisis, Forecasts and The New Middle Class in Brazil / Marcelo Côrtes Neri - Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2012.

[126] p.

1. Classes Econômicas 2. Desigualdade 3. Pobreza 4. Nova Classe Média 5. Crise Européia 6. Projeções I. Neri, M.C

1. Economic Classes 2. Inequality 3. Poverty 4. New Middle Class 5. European Crisis 6. Forecasts I. Neri, M.C

© Marcelo Neri 2012

De Volta ao País do Futuro:
Projeções, Crise Européia e a Nova Classe Média

Coordenação:

Marcelo Cortes Neri ¹

Versão Original: 6 de Março de 2012

Centro de Políticas Sociais
Fundação Getulio Vargas

Coordenação:

Marcelo Cortes Neri

marcelo.neri@fgv.br

Equipe do CPS:

Luisa Carvalhaes Coutinho de Melo

Samanta dos Reis Sacramento Monte

Thiago Cavalcante

Ana Calçada

Thamires Silva

Lucas Abend

Pedro Lipkin

Tiago Bonomo

¹ CPS e EPGE / Fundação Getulio Vargas

ÍNDICE

De Volta ao País do Futuro: Projeções, Crise Européia e a Nova Classe Média

Sumário Executivo:

Perguntas:

- Crônica de uma Nova Crise Anunciada
- O Futuro da Nova Classe Média Brasileira
- Expectativa de Satisfação com a Vida
- As Mulheres são mais Otimistas que os Homens?

Respostas:

- Depois da Nova Crise e o Mínimo da Desigualdade Brasileira
- Definições das Classes e Cenários para 2014
- 2015 e o Sonho Brasileiro
- A Felicidade Futura Feminina “Mais Grande” do Mundo

Texto Principal:

Apresentação: De Volta à Nova Classe Média

- 1) Ano Novo, Crise Nova? (O W da Questão)
- 2) Depois da Outra Crise.
- 3) A Desigualdade Brasileira está no seu Piso Histórico?
- 4) Medidas de Polarização e Conceituação da Classe Média
- 5) A Grande Década (2004 a 2014)
- 6) O País do Futuro.
- 7) Futuro da Mulher (Mulheres de Futuro)
- 8) O Coletivo de Brasileiros (as)
- 9) Conclusões
 - Crônica da Crise (até janeiro de 2012)
 - Cenários de Classes (2014)
 - Felicidade Futura (2015)
 - Felicidade Futura Feminina

Bibliografia

Anexos

Texto Principal

“Riqueza maior que ouro, mata e pau que deram cor e nome a nossa nação, é o brilho deles refletido no olhar brasileiro.”

Apresentação

De Volta à Nova Classe Média

Há 25 anos, eu e meu grupo nos debruçamos sobre a distribuição de renda brasileira. Estendemos a análise da pobreza absoluta a outros segmentos da população. Em particular, acompanhamos a evolução das classes econômicas (de A1 a E2). Acabo de publicar livro pela Editora Saraiva que sintetiza pesquisas neste tema. O material do livro é aqui estendido para 2012, incluindo os efeitos do acirramento da crise européia.

Os sociólogos podem relaxar, pois não estamos falando de classes sociais, (operariado, burguesia, capitalistas, etc.) mas de estratos econômicos. Leia-se dinheiro no bolso, segundo os economistas a parte mais sensível da anatomia humana.

Nova classe média foi o apelido que demos à classe C anos atrás. Chamar a pessoa de classe C soa depreciativo, pior que classe A ou B, por exemplo. Nova classe média difere em espírito do “nouveau riche”, que discrimina a origem das pessoas. Ela dá o sentido positivo e prospectivo daquele que realizou - e continua a realizar - o sonho de subir na vida. Mais importante do que de onde você veio ou está é aonde você quer e vai chegar. Nova classe média não é definida pelo ter, mas pela dialética entre o ser e o estar.

A opção foi aninhar nossa metodologia na clássica literatura de bem estar social baseada em renda familiar per capita. Entre 2003 e 2001, cerca de 40 milhões de pessoas, uma Argentina, se juntou a classe média aqui. O Rio Grande do Sul contém 30 dos 50 municípios com maior participação relativa dela. Niterói é a cidade mais classe A. Projetamos mais 32 milhões em seis anos entrando nas classes ABC. A nova classe AB, isto é, pessoas que ascenderam à elite, ganhará nos próximos anos atenção semelhante aquela devotada a nova classe média nos últimos.

Para além da renda, incorporamos outras dimensões como sustentabilidade e percepções das pessoas. O primeiro caso trata das relações concretas entre fluxos de renda e estoques de ativos abertos em duas grandes frentes: a do produtor e a do consumidor, analisadas em detalhes sociais e setoriais.

O lado do produtor se apoia na economia do trabalho, leia-se emprego, mas também empreendedorismo. O outro lado se apóia na literatura de consumo e poupança, que é

Criamos indicadores sintéticos destas duas dimensões, e para a minha surpresa, e talvez para sua, o lado do produtor andou 38% mais rápido que o do consumidor. A nova classe média constrói seu futuro em bases sólidas que sustentem o novo padrão adquirido. Isto é o que chamamos de lado brilhante dos pobres.

Mais do que frequentar templos de consumo, o que move a nova classe média brasileira é a produção. Carteira de trabalho é o seu principal símbolo. Famílias com menos filhos, investindo mais na educação deles. A nova classe média nasce a partir da recuperação de atrasos tupiniquins. Ela é filha da volta do crescimento com a redução da desigualdade, que como mostramos aqui continua em queda. Muito diferente do que é observado nos demais BRICS.

Na presente pesquisa trabalhamos com três dimensões relacionadas a sustentabilidade. A primeira se refere às projeções da estrutura de classes econômica para 2014. A segunda é uma análise conjuntural dos impactos da piora da crise europeia, a partir de agosto de 2011, sobre o bolso do brasileiro. Neste exercício, validamos uma parte do período onde foram construídos cenários.

Finalmente, dinheiro pode trazer, ou não, a felicidade. Acoplamos expectativas das pessoas em relação à satisfação com vida no futuro tal como desenvolvido na literatura de felicidade, que apenas a pouco ganhou a atenção e talvez algum respeito por parte dos economistas. Atestamos em quatro ocasiões diferentes que, entre mais de 130 países, o brasileiro é o povo mais otimista em relação à sua vida cinco anos à frente.

O “Brasileiro, Profissão Esperança” de que a vida vai melhorar me ajudou a entender o que as grandes bases de dados e minhas idas a campo indicavam sobre os novos emergentes. Mais do que o ouro, as matas e o pau que deram cor e nome a nossa nação, riqueza maior é o brilho deles refletido no olhar brasileiro⁵.

Marcelo Neri
Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas

⁵ Em relação as cores da bandeira nacional sta é a interpretação de significados lúdicos. Historicamente, as cores se referem a união da cor verde da Casa Real de Bragança de D. Pedro I com a cor Amarela da Casa Real de Habsburg da princesa Leopoldina.

Ano Novo, Crise Nova? (O W da Questão)

“A passagem de ano é quando o aspecto crítico da crise se torna, ou não, crônico.”

No período próximo da virada do ano muda o nosso metabolismo, as notícias e os jornais se afinam. No Natal somos saudosos, olhamos para o passado distante, época do nascimento do nosso calendário ocidental. No réveillon a velha ampulheta e o nosso olhar viram para o que vem na frente, e nos preparamos para o renascimento dos projetos de vida, pessoais e profissionais. Do parar de fumar ao começar uma nova dieta para se livrar dos quilinhos acumulados nas festas e/ou desde que parou de fumar. Virada de ano é época de projetar o futuro. Nas famílias há desempregados e *workaholics*, e enquanto uns só pensam em um novo trabalho, outros só pensam em parar de trabalhar nas férias. Queremos o que não temos. As empresas se preparam para implementar seus respectivos planejamentos estratégicos muitas vezes demitindo pessoas nas férias. Os governos começam a olhar para as próximas grandes realizações, isto é, ganhar as novas eleições.

Após um semestre de surpresas quando os Estados Unidos se dividiram, quando a zona do euro virou de fato uma zona, quando a primavera se instalou na Arábia onde não se falava de flores, quando Hugo Chavez conseguiu dar ampliado sentido a expressão "Caracas!", repetida a toda hora pelo meu filho.

Tive a oportunidade de perguntar a dois dos mais renomados e experientes *scholars*, Helio Jaguaribe e Candido Mendes: “Hoje as mudanças são mais rápidas que antes ou é ilusão de ótica de quem está no meio do processo?” Eles foram muito claros em dizer que hoje tudo muda mais rápido, o que não significa um processo contínuo uniforme de mudanças, pelo contrário.

Mais concretamente: O que será de mim? O que será de você? O que será de nós? A passagem após o dia 1º de janeiro de 2012, domingo quando reza a lenda Deus descansou, mas sempre feriado para o dia 2, o primeiro dia útil do ano, representa o exato ponto de mutação do ano, quando o crítico se torna, ou não, crônico. Ao abrirmos a Pesquisa Mensal de Emprego em bases semanais vemos a passagem da última semana do ano para a primeira do ano seguinte, que é quando tudo muda. Não apenas nas sazonalidades associadas ao Mito do Eterno Retorno das sociedades agrícolas primitivas relatadas por Mircea Eliade, mas quando as inovações são

transmitidas com mais frequência às séries. Quando o transitório se torna, ou não, permanente.

Na primeira das crises externas do final dos anos 90, iniciada com o estouro da crise asiática em meados de setembro de 1997, foi somente na primeira semana de 1998 que a taxa de desemprego desazonalizada subiu 2 pontos de porcentagem para cima, o que era muito na métrica usada na época. Essa taxa passou de 6% para 8%, caracterizando o que pode se chamar de crise de desemprego, que vigorou até o fim da crise de 2003. A crise passada, cujo ápice de impulso também se deu em meados de setembro no caso de 2008, teve seu impacto materializado na virada do dia 1 para o dia 2 de janeiro. A pobreza subiu 6% apenas em janeiro de 2009, e a nova classe média, que tinha ficado incólume desde o episódio do Lehman Brothers também sofreu neste mesmo dia em 2009 a primeira retração desde o fim da recessão de 2003. A diferença do episódio acontecido 11 anos antes é que, em fevereiro de 2009, já havíamos recuperado o ritmo de crescimento de renda observado antes da crise anunciada, e verdade que demorou 12 meses para recuperar o nível inicial das séries, uma espécie de revolução de 360 graus que, tal como nas sociedades primitivas, nos levou de volta ao ponto de partida. Em 2 de janeiro de 1998 passamos a enfrentar a chamada crise de desemprego deflagrada 3,5 meses antes; na mesma data em 2009, não houve nem tsunami, nem marolinha, mas ressaca tão forte quanto passageira, fruto do terremoto financeiro propagado 3,5 meses antes.

Depois das instabilidades de agosto e setembro de 2011: O que será 2012? A concretização dos agouros apocalípticos? A segunda perna do W? A volta por cima? Ou, provavelmente nenhuma das alternativas acima?

Depois da Outra Crise

“Nos 12 meses até janeiro de 2012 o Gini cai 2,1%, taxa quase duas vezes mais acelerada que nos primeiros anos da década passada, que ficou conhecida como da queda da desigualdade.”

“O Brasil, como o Senna, anda bem debaixo de chuvas e trovoadas de uma crise”

Só após o dia 1º de janeiro de 2012 saberemos sobre as perspectivas sociais do ano novo. O ponto era que o impacto da crise européia aqui só seria conhecido no dia seguinte após a passagem de ano gregoriana. As crises asiáticas de 1997 e do Lehman Brothers de 2008, ambas de setembro, repercutiram nas séries apenas em janeiro do ano seguinte (a crise de desemprego de 1998 a 2003 e a ressaca de 2009).

Desci aos microdados da POF, os mais completos em termos de abrangência dos conceitos de renda e de despesa. Constatei que a crise aportou no bolso do brasileiro na primeira semana de 2009. A pobreza 11% pela POF quando comparada a última semana de 2008. Tal como os dados semanais da PME já sugeriam, a crise de 2008 não foi nem tsunami, nem marolinha, mas ressaca tão forte quanto passageira.

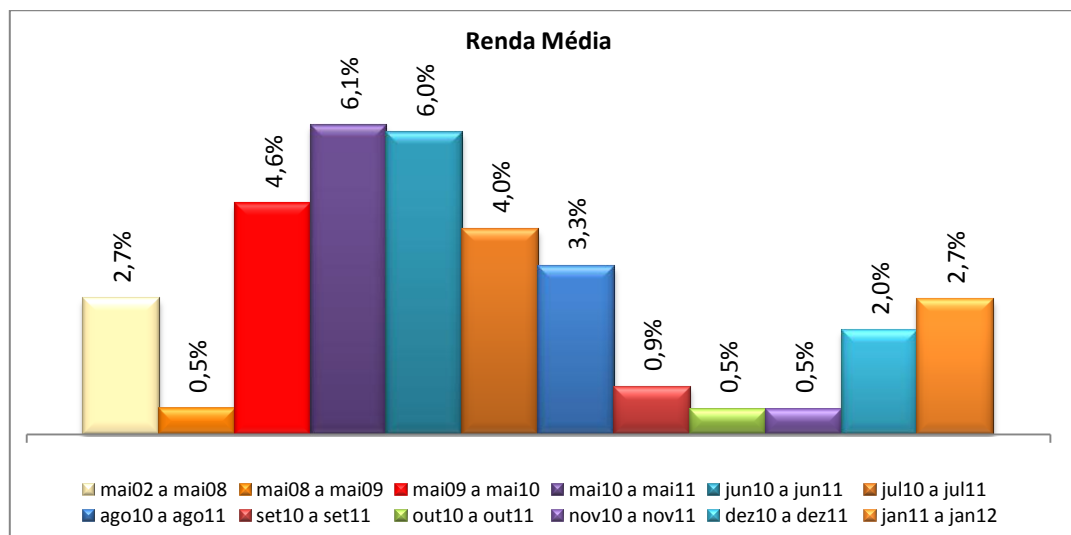
Nos idos de 2009 divulgamos pesquisa com dados até dezembro de 2008, sem observarmos qualquer impacto relevante nos primeiros três meses e meio depois da crise. Desigualdade e pobreza mantiveram viés de baixa até a reversão da primeira semana de 2009. A virada foi tal que lançamos logo depois novo capítulo do que virou a série: “Crônica de uma Crise Anunciada”. Nesta série, traçamos a cronologia dos movimentos depois da crise (D.C.).

Apesar das limitações da PME, todas as grandes inflexões de distribuição de renda dos últimos 20 anos foram antecipados por ela (www.fgv.br/cps/debatesocial), como aquelas provocadas pela estabilização do plano Real, a quebra da desigualdade inercial e a ascensão da nova classe média (Real do Lula). Ou você quer ficar ilhado em meio à tempestade na última PNAD? (Hoje a última disponível é a de setembro de 2009, quando os efeitos do terremoto financeiro de setembro de 2008 ainda se faziam sentir).

A fim de não nos afogar na flutuação dos números, esperamos a virada da maré de janeiro para aferir o efeito da instabilidade européia intensificada em agosto.

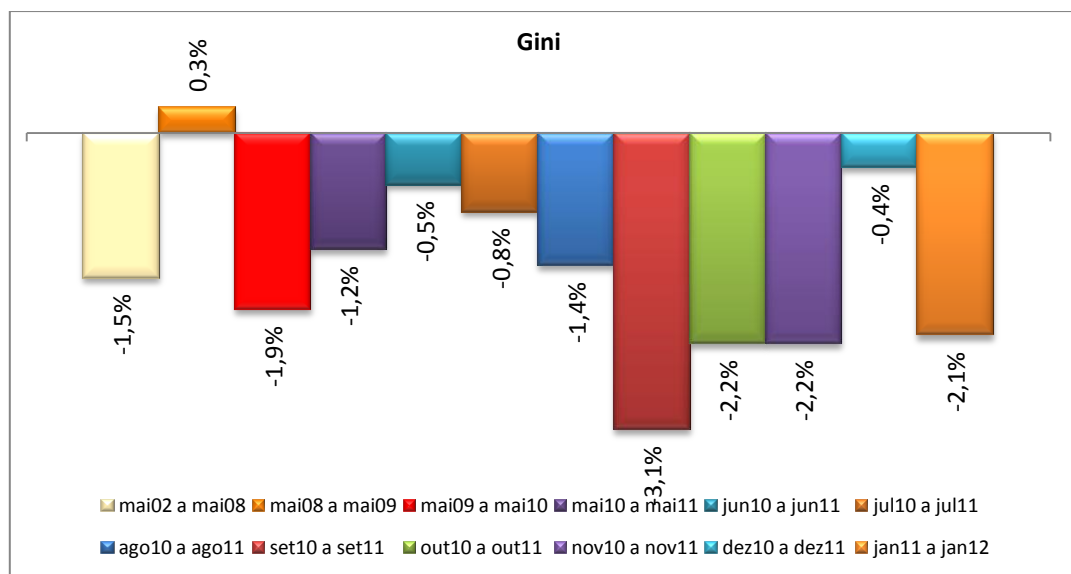
Janeiro de 2012 coincide com o marco ano I depois da Dilma (D.D.). Pois bem, as variações de 12 meses mostram:

i) O **crescimento** de renda familiar per capita média da PME de 2,7% que coincide com o crescimento observado entre 2002 e 2008, apelidado por muitos de era de ouro mundial, e superior ao 0% do ano I depois da crise de 2008. 2,7% de crescimento também coincide com o crescimento do PIB total de 2011, recém anunciado pelo Banco Central. A diferença é o crescimento populacional de pouco menos de 1%, mantendo a tendência observada desde o fim da recessão de 2003 da renda das pesquisas domiciliares crescerem mais que o PIB.



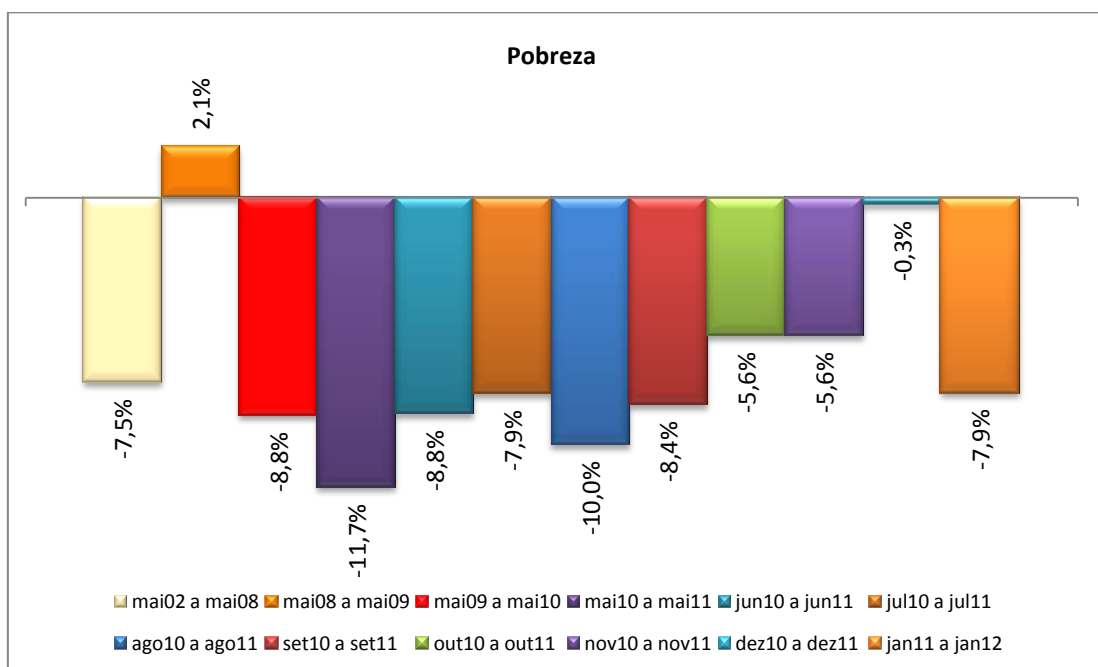
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

ii) A **desigualdade** tupiniquim, que só as pesquisas domiciliares conseguem captar, continua em queda de 2,13% ao ano, contra os 1,11% observados no período entre 2001 e 2009, conhecido como o de queda da desigualdade brasileira. O Gini brasileiro foi de 1970 a 2000 quase uma constante da natureza, seguido de queda ininterrupta de 11 anos consecutivos. Vide próxima seção.



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

iii) A **pobreza**, como consequência dos movimentos da média e da desigualdade, segue sua saga descendente a um ritmo de 7,9% ao ano, superior aos 7,5% a.a. da era de ouro citada. Reduzimos, em 2011, a pobreza num ritmo 3 vezes mais rápido que o necessário para cumprir a meta do milênio da ONU de reduzir a pobreza à metade em 25 anos.



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

Na leitura de 2011 não devemos esquecer que o Pibão e a histórica queda de 16,3% da pobreza observados em 2010 foram ao sabor da retomada da crise e do ciclo político eleitoral, que inflam a amplitude de comparação com o ano que passou.

A economia brasileira estava no começo de 2011 assim como em 2008, superaquecida. A crise, como uma inesperada chuva de verão esfriou a espiral inflacionária de demanda anunciada. A diferença é que o Banco Central, desta vez, percebeu de pronto que tinha de baixar os juros. Em época de crise de demanda estamos, ou deveríamos estar, todos, ou quase todos, keynesianos. No caso brasileiro, muito longe da armadilha de liquidez, todos os instrumentos estão a postos para fazer sintonia fina na condução da economia.

Os resultados sugerem que o brasileiro, tal como o Ayrton Senna, anda como ninguém debaixo de chuvas e trovoadas de uma crise internacional. Afinal, tal como nosso ídolo, treinamos bastante nas décadas perdidas sob condições adversas, emanadas ou vulnerabilizadas por nós mesmos. Sorte ou não, ou você quer condutores com azar? Nosso Senna, que empunhava como ninguém a bandeira brasileira, morreu por obra do azar.

O fato é que nossa performance relativa aos demais países depois das crises foi melhor do que a observada na chamada era de ouro mundial. O Brasil, que se acostumou a ser ponto fora da curva, continua sendo. Só que antes éramos como um raio em dia de céu azul, e hoje somos o céu azul no meio da tempestade. Não devemos esquecer que a calma pode significar apenas que estamos no olho do furacão. Não falo apenas das turbulências da macroeconomia e financeiras de Wall Street, mas das crescentes iniquidades que revoltaram e mobilizaram os desocupados que ocuparam Wall Street. Agora, como se diz, o ano novo brasileiro só começa na semana depois do carnaval. Neste caso temos de esperar dados mais atualizados para ver o que acontece após o primeiro dia depois do carnaval (Dia I D.C.).

A desigualdade brasileira está no seu piso histórico?

“A desigualdade brasileira está entre as 10 mais altas do mundo apesar de estar no piso das nossas séries históricas.”

“O Gini do Brasil cai de 0,596 em 2001 para 0,519 em janeiro de 2012, cerca de 3,3% abaixo do seu piso histórico de 1960.”

Antes de entrar nos dados, vamos aos conceitos. Primeiro, a função bem estar social agrega o bem estar individual de cada membro da sociedade. Ela sintetiza num único número o bem estar geral da nação. O PIB per capita é a medida de bem estar social mais usada. Numa sociedade de 10 pessoas, se 1 tem renda 10 e os 9 restantes tem renda 0, ou no extremo oposto se 10 tem a renda igual a 1, o PIB é o mesmo. O PIB é uma medida de bem estar social que por construção não se importa com as diferenças entre pessoas, apenas com a soma das riquezas produzidas.

No extremo oposto há outra função de bem estar que dá mais peso aos que tem menos. Na sua construção ordenamos as pessoas pela sua renda, depois atribuímos peso a renda de cada um proporcional a sua respectiva colocação no ranking de renda, de forma que o mais rico dos ricos vale menos (peso 1) e o mais pobre dos pobres vale mais (peso 10 no exemplo). Nessa métrica cada um vale inversamente ao que ganha, invertendo a lógica de contabilidade social do PIB.

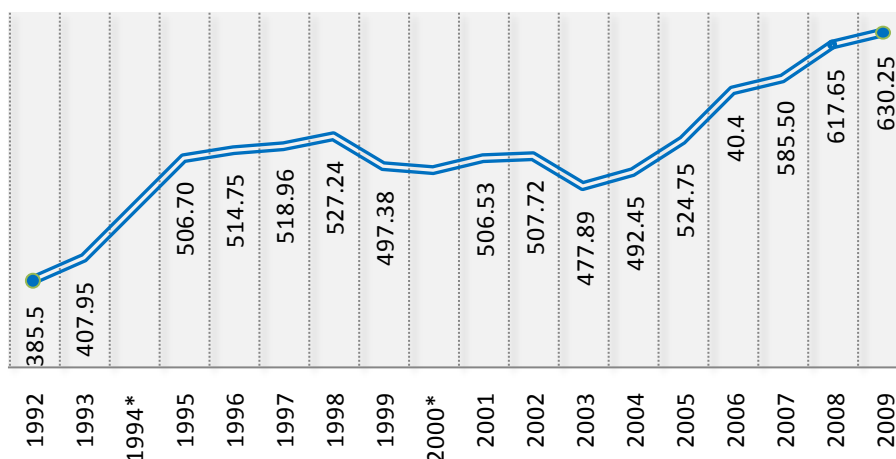
Esta função de bem-estar social simples foi proposta por Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia. Essa função multiplica a renda média pela medida de equidade, dada por um menos o índice de Gini (isto é: Média * (1 – Gini)).

Logo, a desigualdade funciona como um fator redutor de bem-estar em relação ao nível da renda média. Por exemplo, a renda média de R\$ 630,25 reais mensais por brasileiro seria o valor do bem-estar social segundo a medida simples de Sen, se a equidade fosse plena. No entanto, na verdade ela corresponde a 45,52% deste valor, R\$ 286,92 reais, dada a extrema desigualdade atual brasileira. O deságio era ainda maior quando o índice era apenas 41,7% da renda média em 2003.

Apresentamos nos gráficos a evolução anual da média, da desigualdade de renda e da combinação das duas, dada pela medida de bem-estar.

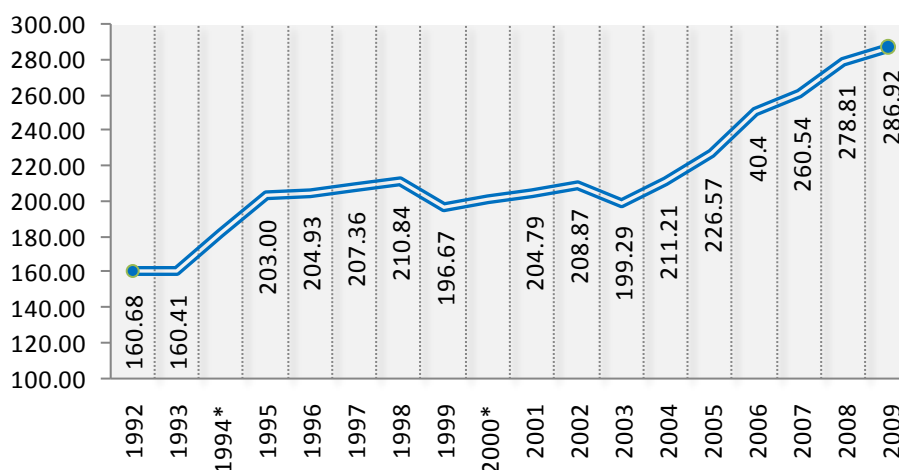
Indicadores Baseados em Renda Domiciliar Per Capita

Evolução da Renda Média - R\$ de 2009



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Evolução do Bem-Estar - R\$

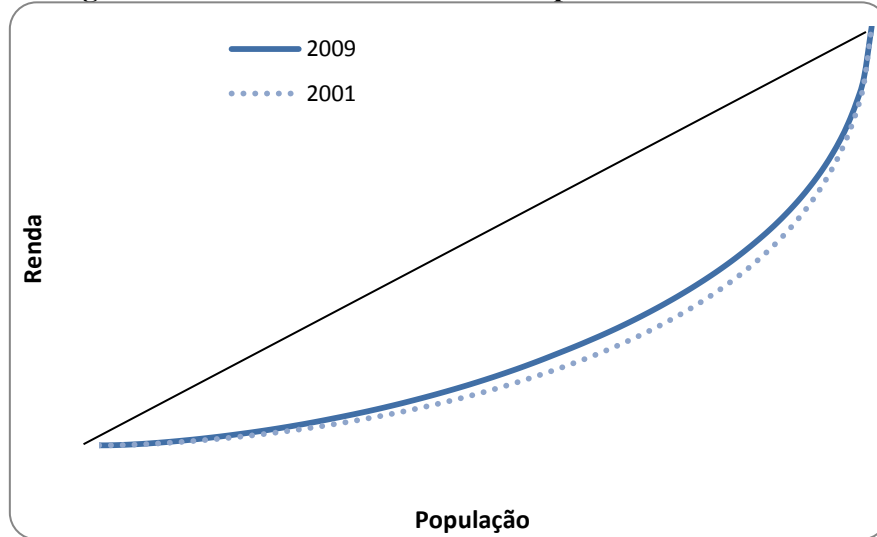


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Conforme os gráficos atestam, a renda média sobe 24,44% contra 40,1% da função que dá mais peso aos mais pobres. Ou seja, o maior progresso medido pela última sugere que a desigualdade está em queda no Brasil.

Lorenz - As curvas de Lorenz abaixo mostram uma dominância, de forma que para qualquer medida de desigualdade que incorpore o princípio das transferências, 2009 é mais igualitário que 2001.

Desigualdade de Renda Familiar Per Capita – Brasil 2001 e 2009

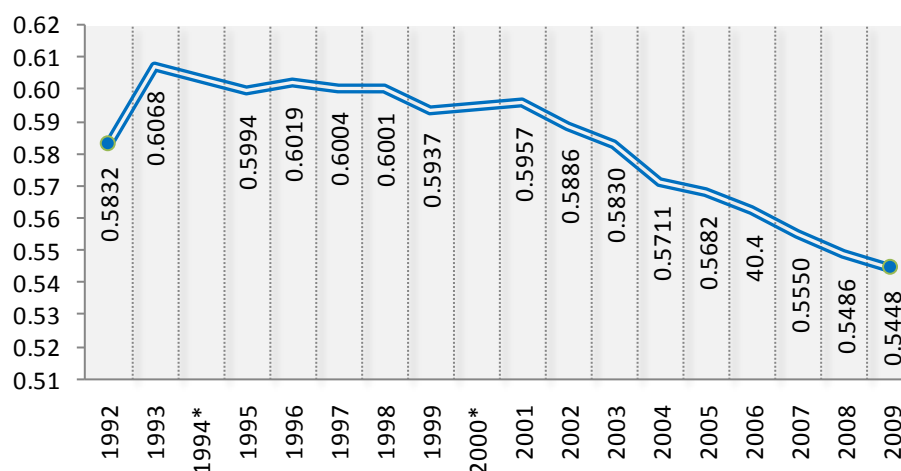


O ganho acumulado de renda entre 2001 e 2009 por cada décimo da população foi decrescente à medida que caminhamos do primeiro (69,08%) ao último décimo (12,8%) – a magnitude deste caráter progressivo não é tão aparente nas mudanças das séries do índice de Gini ou das Curvas de Lorenz, a partir da qual o índice de Gini é derivado. Na verdade, a desigualdade também é derivada da função de bem estar. Tal mãe, tal filha. O Gini, o índice de desigualdade mais popular, herda no seu cálculo os pesos da função de bem estar citada acima, onde os mais pobres valem mais. O Gini varia de 0 a 1: no seu mínimo todos são iguais, e no seu ápice uma pessoa detém todos os recursos da economia. Não existe medida certa ou errada, são apenas óticas diversas que enxergam aspectos diferentes das mesmas situações.

Na visão de Roberto Martins, a trajetória da desigualdade de renda brasileira de 1970 a 2000 lembra o cardiograma de um morto. O único sinal de vida foi dado no movimento de concentração de renda ocorrida entre 1960 e 1970 quando o Gini chega próximo a 0.6 e se estabiliza neste patamar.

Gini - A queda da desigualdade brasileira se dá nos anos 2000. Após 30 anos de alta desigualdade inercial, o Gini começa a cair em 2001, chegando a 0,5448 em 2009. De maneira geral, 2009, assim como a década até agora vista como um todo, destaca-se menos pelo crescimento de renda generalizado para todos os estratos da população do que pela redução da desigualdade observada, conforme o gráfico abaixo ilustra para o caso do Índice de Gini.

Evolução do Índice de Gini

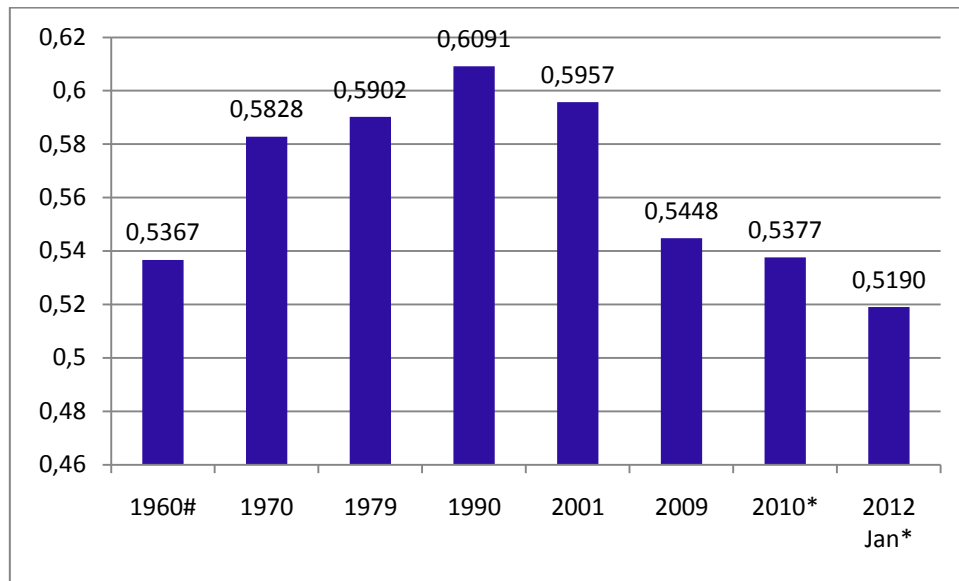


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

A desigualdade medida pelo índice de Gini cai 0,70% no último ano, queda inferior a apresentada entre 2007 e 2008, com 1,15% (valor superior a quatro dos cinco anos da década da redução da desigualdade até então). O panorama anual da redução de desigualdade desde o início da década foi: -1,2%, em 2002; 1% em 2003; -1,9% em 2004; -0,6% em 2005; -1,06% em 2006; -1,3% em 2007, -1,15% em 2008 e -0,69% em 2009. A queda é substantiva - nunca na estória estatisticamente registrada brasileira desde 1960 a desigualdade caiu tanto.

Ao estender as séries usando as variações compatibilizadas pela PME, a desigualdade continua em queda. Em 2010, cruza o piso de 1960 e entra no 12º ano de queda consecutiva. Em janeiro de 2012 o Gini atinge 0,519 caindo no ano passado a uma taxa quase duas vezes mais acelerada que nos primeiros anos da década passada. O Gini do Brasil passa de 0,596 em 2001 para 0,519 em janeiro de 2012, cerca de 3,3% abaixo do seu piso histórico de 1960.

Visão de Longo Prazo Desigualdade (Gini)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD (setembro), PME e Censo / IBGE e Langoni 1973

obs: PNAD ajustada pelo # Censo e *PME.

Os primeiros anos do início do novo milênio serão conhecidos nos futuros livros de História Brasileira, como de redução da desigualdade, em contraste com os motivos da ocupação de ícones de riqueza americana e europeia, como Wall Street em Nova York e a City em Londres.

Medidas de Polarização e Conceituação da Classe Média

“No pico histórico da desigualdade brasileira de 1989, os 50% mais pobres tinham 10,56% da renda, os 10% mais ricos 50,97%. Números invertidos e fáceis de guardar.”

“A polarização tem queda mais expressiva que a desigualdade até 2001, mas posteriormente acontece o reverso.”

“94% do mundo é mais pobre que o americano mediano, 18% do indiano e 62% do brasileiro. A nossa classe média é uma boa fotografia global.”

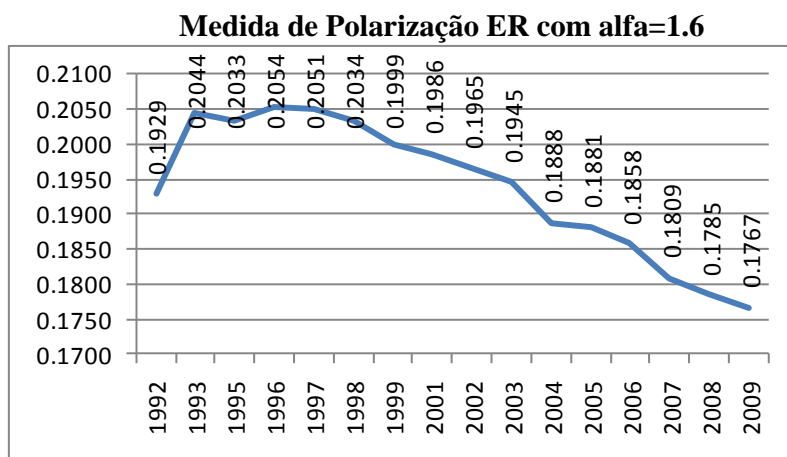
Esta seção pode ser vista como um apêndice técnico (em linguagem não técnica) para, de um lado, ajudar a compreender o conceito de polarização de renda e suas relações com os conceitos de bem estar e desigualdade. Por outro lado, usar medidas de polarização na definição de classe média de medidas de classes econômicas baseadas em renda. Àqueles não afeitos podem usar este capítulo apenas como referência para questões de mensuração.

Polarização – Saindo da esfera da desigualdade de renda, o conceito que nos interessa para conceituar classe média é o de polarização. A fim de diferenciar, lançamos mão de um exemplo apresentado em Gasparini et al (2008). Seja uma sociedade simplificada com seis pessoas chamadas de A, B, C, D, E e F com rendas de R\$ 6, 5, 4, 3, 2 e 1, respectivamente. Suponha que se transfira um real de D para F e de A para C. As medidas de desigualdade que respeitam o princípio das transferências⁶ necessariamente vão cair.

Reparem, entretanto, que depois das mudanças teremos toda a distribuição polarizada em dois pontos, a saber: renda R\$ 2 para as pessoas D, E e F e renda R\$ 5 para as pessoas A, B e C. A sociedade agora está dividida em dois grupos polarizados que são internamente homogêneos. Apesar de menos desigual, a sociedade se tornou, após estas transferências progressivas, mais polarizada em extremos que tendem a se antagonizar uns aos outros, podendo levar a piora de problemas ligados a conflitos, violência e instabilidade política, entre outros males.

⁶ Este princípio nos informa que se transferimos renda do mais rico para o mais pobre sem que se inverta o ranking entre as pessoas a medida de desigualdade deve cair.

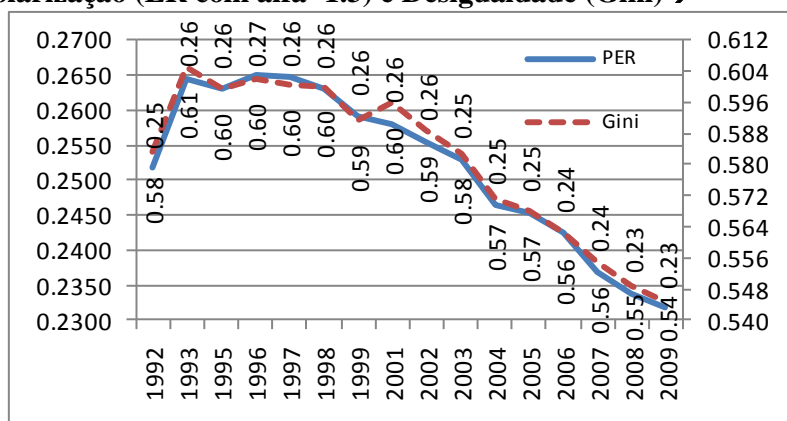
Usamos aqui a medida de polarização proposta por Esteban e Ray (1994), apelidada de ER, com o parâmetro alfa igual a 1,6. O gráfico ilustra que a sociedade brasileira se torna menos polarizada de 1998 em diante.



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

O exemplo artificial de Gasparini et al (2008) reproduzido antes foi propositalmente formulado para diferenciar os conceitos de desigualdade e o de polarização. Em geral os dois caminham na mesma direção. Conforme o gráfico exemplifica, as séries começam e terminam em patamares ajustados semelhantes. A Polarização (escala à esquerda) tem queda mais expressiva que a desigualdade até 2001, mas posteriormente acontece o reverso.

<--Polarização (ER com alfa=1.3) e Desigualdade (Gini)-->



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Grupo da Média - À parte de medidas tradicionais de desigualdade, tradicionalmente em nossos estudos usamos a parcela de três grupos populacionais. Ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990 a desigualdade brasileira se manteve surpreendentemente estável

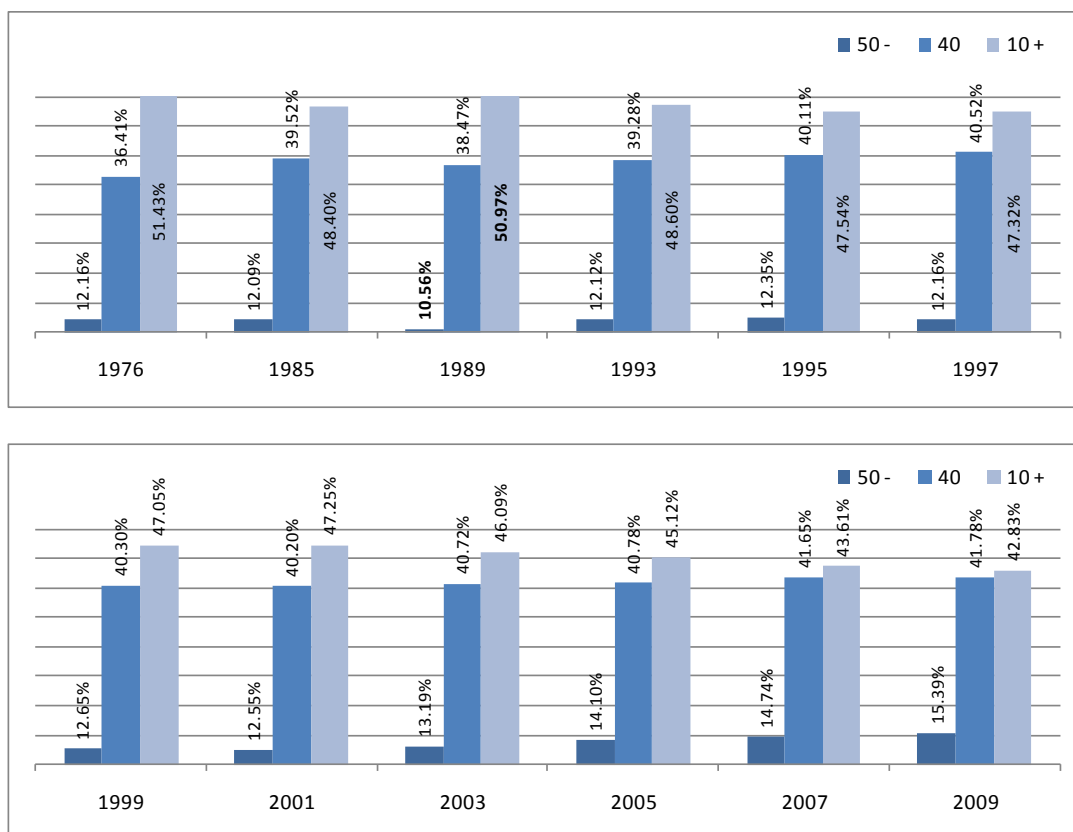
próxima a um nível onde os 50% mais pobres recebiam cerca de 10% da renda e, coincidentemente, os 10% mais ricos recebiam próximo aos 50% da renda agregada. No meio destes dois grupos extremos tínhamos os 40% intermediários que recebiam os mesmos 40% da renda.

No pico histórico da desigualdade brasileira de 1989, os 50% mais pobres tinham 10,56% da renda e os 10% mais ricos 50,97%. Este grupo do meio que auferia a renda média foi o nosso ponto de partida para análise desta classe média relativa. A nossa nova classe média está compreendida entre aqueles acima da metade mais pobre e um pouco abaixo dos 10% mais ricos pouco depois da virada do século, segundo uma combinação de bases de dados. O gráfico abaixo ilustra a evolução desta parcela na renda, que começa a cair de maneira sistemática apenas depois de 2001.

A inversão de participações na população e na renda dos grupos polares também inspirou nossos estudos sobre classes absolutas. O status relativo de renda do décimo mais alto vis a vis o resto da distribuição foi segundo os estudos de David Lam, o que diferencia a concentração de renda no Brasil frente aos Estados Unidos, que não é um país particularmente igualitário. Outra fonte de inspiração desta escolha inicial do grupo mais rico foram os estudos que participamos na segunda metade dos anos 1990s coordenados por Sam Morley, onde observamos a participação entre os 10% mais ricos e em particular deles em relação ao resto da distribuição de renda brasileira e latino-americana.

Em suma, a grosso modo os limites da nova classe média (classe C) seriam as fronteiras para o lado indiano (classes D e E) e para o lado belga da Belíndia brasileira (classes A e B). Investigamos as migrações entre estes diferentes Brasis. A classe C aufere em média a renda média da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico.

Evolução das Participações de Grupos na Renda (50%-, 40% e 10%+)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

EGR - A nossa definição de faixas de renda, embora baseada na intuição acima, é consistente e empiricamente próxima daquela determinada pelo conceito de polarização proposto por Esteban, Gradin e Ray (2007), apelidado de EGR. A estratégia EGR nos interessa por gerar de maneira endógena os cortes de renda da distribuição de renda observada na prática. Os cortes escolhidos são os que melhor distinguem os grupos no sentido de tornar menores possíveis as diferenças internas destes grupos de renda e em contrapartida maximizar as diferenças entre estes grupos. Calculamos os grupos de renda para o caso de três segmentos, que é o que nos interessa mais. Complementarmente, segundo os autores aquele que para os países analisados por eles que maximiza o critério de polarização estendida usada. Nossa estratégia aqui é gerar medidas relativas e depois mantemos constantes os valores inicialmente arbitrados para gerar mudanças absolutas das classes ⁷.

⁷ Cruces, Calva e Battistón (2009).aplicam uma série de metodologias alternativas ao contexto brasileiro e de cinco outros países latino americanos inclusive o EGR aqui citado. Neste aspecto a diferença para nossa abordagem é que usamos a medida relativa do EGR para calcular os cortes entre classes, depois

Inicialmente, analisamos os três grupos de renda aplicados a PNAD 2002 com a metodologia descrita mais acima, de forma a compará-la com a nossa metodologia. Depois, tomamos emprestados os resultados do EGR dentro e entre estes grupos, além de outros parâmetros institucionais como linhas de pobreza e de extrema pobreza, para subdividir nossas classes econômicas. Começamos pelos três grandes grupos.

Em primeiro lugar, a combinação de nossas classes econômicas D e E resulta quase perfeitamente no estrato inferior do EGR, que corresponde aos 52,3% mais pobres contra 52,6% no nosso critério, de forma que a diferença é desprezível. Como corolário, toda a análise que fizemos de participação das classes DE na população, ou de seu complemento ABC, de forma mais freqüente, está consistente entre a nossa metodologia e a adaptação do EGR.

A combinação de nossa classe econômica central em 2002 está 4 pontos de porcentagem menor que o estrato intermediário gerado pela metodologia EGR. Isto é, ao invés dos 34,95% da população estar na nossa classe C temos 38,95%, Estes exatos 4 pontos de porcentagem é a nossa medida de dissonância entre a nossa nova classe média, que auferir a renda média, e o estrato do meio do EGR. Como corolário da certeza que a soma das participações esgota a unidade, a nossa Classe AB está distante do estrato superior do EGR pela soma das diferenças apresentadas nos dois primeiros estratos vis a vis nossos grupos de classes. Ou seja, a população de nossa classe AB é 4,3 pontos de porcentagem menor que o estrato superior da metodologia EGR para 2002. Este intervalo equivale à dissonância entre nossa nova classe média e a aplicação do EGR ao seu próprio estrato superior de renda, o que nos leva a criar este resíduo de 4,3% para que a nossa classe C se converta no extrato do meio do EGR. Chamaremos esta classe de C0 ou CB de forma a ilustrar a passagem da classe C para B.

Similarmente, aplicamos a metodologia EGR de três na nossa classe AB, resultando nas classes B1 com 4,31%, A2 com 2,84% e A1 com 1,28%. No âmbito do estrato inferior do EGR, tiramos partido da convergência de valores e subdividimos a classe E da D usando a nossa linha de pobreza tradicional, que em 2009 se aproximava do valor de entrada no Bolsa Família. Utilizamos racionalização similar adotando os R\$ 70 hoje, que corresponde ao valor mais baixo de referência do Bolsa Família e que foi adotado como linha nacional de pobreza no âmbito do Brasil Sem Miséria, aplicado à época para definir a divisão entre a Classe E2 e E1.

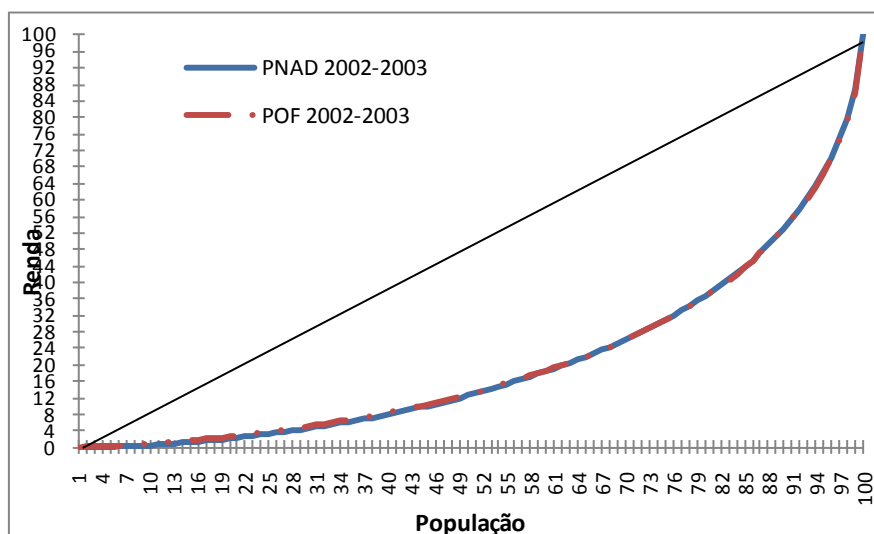
mantemos estas linhas de cortes constantes em termos reais ao longo do tempo de forma a gerar medidas absolutas de classes econômicas.

Cozinha - Neste exercício foram utilizados a PNAD 2002 com correção para diferenças internas de custo de vida, conforme a metodologia do CPS, e imputação de rendas não reportadas (*missings*) usando equações mincerianas diferenciadas por ano. A grande vantagem deste sistema de imputação de renda, mais do que manter a renda para os não respondentes em níveis razoáveis, é manter a proporcionalidade da amostra intocada e comparável ao universo que a deu origem. Desta forma, toda a mensuração das mudanças dos diversos segmentos da população por classe fica mais consistente com o ocorrido na prática.

Todos os cálculos são feitos com base em renda domiciliar per capita, excluindo os membros não efetivos dos domicílios como empregadas domésticas ou seus respectivos parentes residentes no domicílio.

Ajuste POF - A PNAD é referência central neste e na maioria de estudos sobre a distribuição de renda brasileira. Uma primeira ponte que precisa ser construída é aquela entre a PNAD e a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), ambas levadas a campo pelo IBGE. A POF é uma pesquisa mais rara, mais completa que a PNAD em termos de questionário de renda, pois inclui a renda não monetária, fundamental aos pobres. A renda de ativos reais e financeiros, que atinge em maior proporção os segmentos mais abastados, também é melhor captada pela POF. Por uma feliz coincidência estes dois problemas se cancelam em termos de desigualdade de renda, de forma que a POF apresenta níveis de desigualdade muito próximos dos observados na PNAD, conforme a sobreposição das curvas de Lorenz das PNADs empilhadas de 2002 e 2003 e da POF 2002-03 abaixo demonstram.

Desigualdade de Renda Familiar Per Capita – POF X PNAD - Brasil 2002 E 2003



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD e da POF/IBGE

Complementarmente, os respectivos índices de Gini das duas pesquisas se equivalem, sendo 0,591 para a POF e 0,594 para a PNAD. Da mesma forma, os índices Theil-T são 0,7149 para a POF e 0,7145 para a PNAD. Por outro lado, as médias de renda domiciliares per capita reais (deflacionadas para a mesma data) são muito distintas, de R\$ 697 para a POF e R\$ 484,71 para a PNAD, uma diferença de pouco mais de 40%.

A boa notícia é que como a diferença se resume às médias e as nossas classes foram definidas pela distribuição relativa, é preciso apenas multiplicar os valores da PNAD pelo fator da POF, uma vez que esta base se mostra mais acertada em função de menores erros e omissões de renda.

Depois, é preciso apenas realizar ajuste na média de renda. Após estes ajustes, a faixa C, central, está compreendida entre os R\$ 1610 e os R\$ 6950, uma renda média de R\$ 4250 a preços de hoje na média nacional, ajustados pelo custo de vida local. O mesmo tipo de ajuste pode ser aplicado a outras faixas.

Definição das Classes Econômicas

	limites	
	Inferior	Superior
Classe E	0	1085
Classe D	1085	1734
Classe C	1734	7475
Classe B	7475	9745
Classe A	9745	

** ajustado pela POF*

*** atualizado a preços de julho de 2011*

A Grande Década (2004 a 2014)

“Usamos o período de 2004-09, aqui denominado pequena grande década, como base para traçar o cenário de 2010 a 2014.”

“O elemento fundamental para traçarmos o futuro de todas as classes, de A a E, é o comportamento da desigualdade, a verdadeira jabuticaba brasileira.”

“De 2010 a 2014, outros 12 milhões de pessoas sairiam da pobreza e mais 32 milhões entrariam nas classes ABC.”

Início de década, hora de se olhar para trás e para frente, fazer balanços e projeções. No caso de 2010, esse exercício ganha ares de epílogo da Era Lula. Nos 12 meses posteriores a 15 de setembro de 2008, praticamente todas as séries de indicadores trabalhistas e de classes econômicas brasileiras disponíveis voltaram ao mesmo ponto pré-crise. Isto é, se não regredimos, também não avançamos. Se a comparação for feita em relação aos demais países, a estagnação brasileira de 2009 é de causar inveja aos olhares estrangeiros, à exceção de China, Índia e Coreia. Mas não sentiremos um pinga de orgulho na comparação com o nosso período de 2003 a 2009, aqui denominada pequena grande década.

A exemplo do pequeno século XX, situado entre a Primeira e o final da Segunda Grande Guerra Mundial do historiador Eric Hobsbawm em “A Era dos Extremos”, Roberto Campos, em seu bibliográfico “Lanterna na Popa”, escreveu: “Já vivi três quartos de século e vivi mais que um século. Pois este século XX começou tarde e terminou antes do tempo. Começou a rigor em 1917, ano em que nasci, quando tonitruavam os canhões na Champagne e em Flandres e desabava mundialmente a velha ordem, com a eclosão da revolução comunista. Terminou em 1989, com a queda do muro de Berlim e o colapso do marxismo-leninismo. Está por surgir uma nova ordem, cujos contornos não são ainda discerníveis na bruma da história.” Nosso Luís Fernando Veríssimo aplica a imagem reversa disso no que chama de “eterno século XVIII” brasileiro, pela manutenção de características de uma sociedade arcaica, patrimonialista e desigual.

Traçamos projeções até 2014 extrapolando o que ocorreu nesses cinco anos de 2003 a 2009, quando ocorreram grandes mudanças nas medidas de bem estar social

baseadas em renda, fruto de uma rara combinação em terras tupiniquins de crescimento sustentado com redução de desigualdade.

Antes de entrarmos nas incertezas futuras, vamos encarar as incertezas das medições passadas. A magnitude da retomada do crescimento do período 2003-09 depende sobremaneira da base de dados utilizada, nas óticas das contas nacionais e do seu produto mais popular, o PIB. Mesmo após as sucessivas revisões para cima do PIB, a diferença acumulada nesses seis anos em relação à PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) foi de 11,3 pontos de porcentagem, ou 1,8 pontos por ano. Isso representa mais dois anos em cinco anos. Outra vantagem da PNAD é permitir olhar a distribuição dos frutos do crescimento. O elemento fundamental para traçarmos o futuro é o comportamento da desigualdade, a verdadeira jabuticaba brasileira. A primeira década do século XX nos trouxe, ano após ano, quedas de desigualdade de renda, e usaremos a PNAD como parâmetro.

Cenários – O que será que será nos próximos anos? Vamos inicialmente focar no período 2003-09, usando-o como base para o cenário de crescimento pós-crise de 2010 a 2014. Agora, quão razoável seria esta prospecção do futuro baseada no passado? A análise por fonte de renda mostra um crescimento da renda do trabalho no período 2003-09 tão forte quanto o das demais fontes de renda, o que sugere alguma sustentabilidade do processo pregresso de crescimento com redistribuição, interrompido, mas não revertido, com a crise. A tendência das séries de anos de estudo, fundamental tanto para a literatura de crescimento como de desigualdade, dão suporte tanto em nível como dispersão à continuidade da trajetória de melhora. Nesse aspecto, há que se lembrar dos problemas de qualidade de educação - que aqui representam oportunidades de avançar, o que importa quando se fala em taxas de crescimento. Hoje há aferição de proficiência por escola pública. A possibilidade de dar saltos em direção à fronteira de uma sociedade mais razoável, exemplificado pela queda da desigualdade de renda desde 2001 e quiçá futuramente pela melhora na qualidade da educação, é a base do otimismo condicionado desta seção.

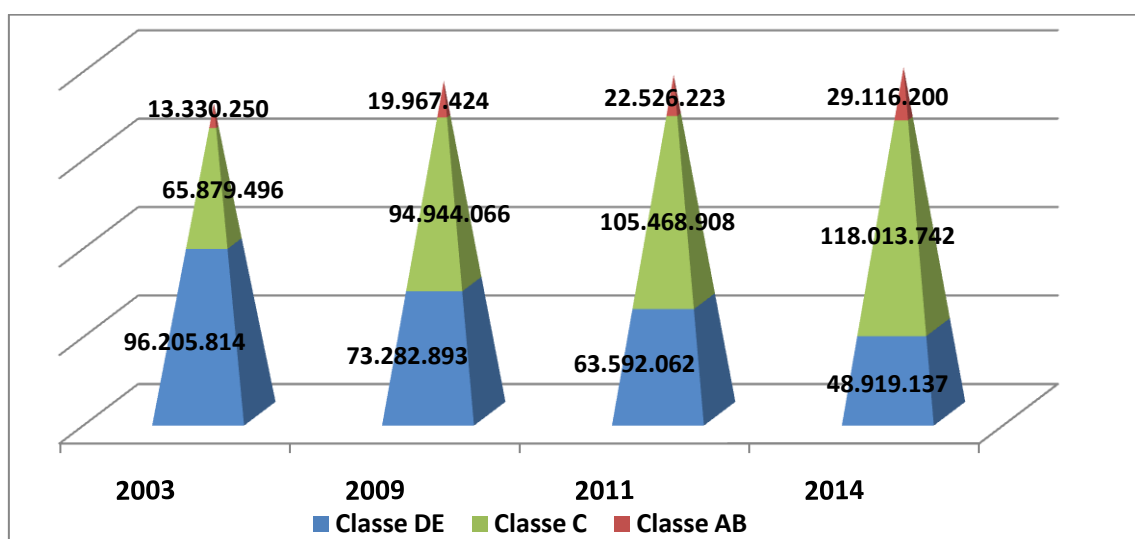
Centramos num cenário de prazo mais longo encerrado em 2014. Projetaremos para frente o crescimento e a redução da desigualdade do período 2003-09. Esse cenário é possível de ser quantificado. A premissa é o crescimento da renda per capita para cada estado entre 2003 e 2009. Dentro de cada estado, aplicamos o fator correspondente de crescimento per capita até 2014 a todas as observações individuais da PNAD. Isso

nos permite fazer estimativas mais precisas quanto ao contingente de pessoas em cada uma das classes econômicas.

Como último passo, cada fator de crescimento aplicado foi ajustado para contemplar as desigualdades na expansão recente da renda intra estados. Para cada estado, ordenaram-se as pessoas pela sua renda, posteriormente dividindo-as em cinquenta faixas. O ano inicial de referência foi 2003. Observaram-se como cada uma destas faixas evoluiu até 2009. O ritmo relativo (não absoluto) de mudança observada entre 2003 e 2009 foi então mantido (extrapolado) para o período de projeção que foi até 2014.

Projeções até 2014 - As pirâmides das classes onde a altura se refere ao tamanho da população ilustram aspectos passados e prospectivos. Se continuarmos na trajetória de crescimento e redução de desigualdade vistas em cada estado brasileiro desde 2003, teremos em 2014 cerca de 118 milhões de pessoas na classe C em 2014 e 29,1 milhões nas classes AB contra 65,8 milhões e 13,3 milhões, respectivamente, em 2003. Isto significa que no período 2003-14, 52,1 milhões de pessoas entrarão na classe C e outros 15,7 milhões nas classes AB. Perfazendo um total de 67,8 milhões mais do que a população do Reino Unido de novos integrantes de classes mais altas. Esta dado é notável, dada a contração dos mercados consumidores nos países desenvolvidos função da crise internacional em curso.

A Pirâmide Populacional e Classes Econômicas 2003, 2011 e 2014



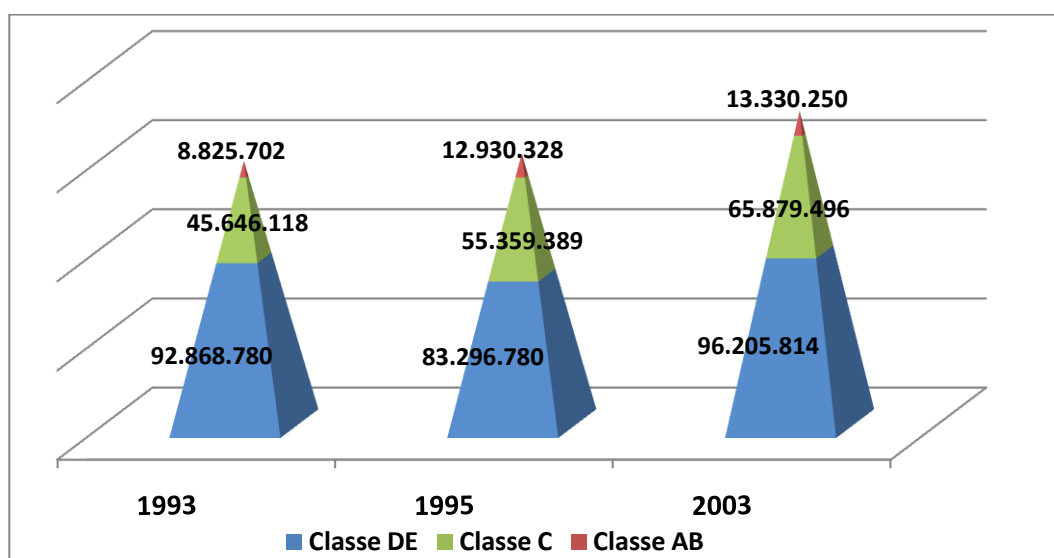
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Se abrirmos estas mudanças dos estratos econômicos no tempo com relação a classe C vemos a adição de 40 milhões de pessoas entre 2003 e 2011 e outros 13 milhões entre 2011 e 2014. No que tange as classes AB temos a adição populacional 9,2 milhões entre 2003 e 2011 e 7,7 milhões entre 2011 e o projetado até 2014. A população da Classe AB crescerá proporcionalmente mais do que a classe C: 29,3% e 11,9%, respectivamente.

Notem que entre 2003 e 2014, apesar do crescimento populacional a população absoluta das classes DE diminuirá em 47,3 milhões, caindo a quase metade dos contingentes iniciais. Incidentalmente, o Brasil tinha em 2003, cerca de 50 milhões de pobres (classe E) e 96,2 milhões nas classes DE que passaria em 2014 para 48,9 milhões.

Se abrirmos as variações absolutas do período 1993 a 2003, vemos que boa parte do processo de ascensão esteve localizado no período 1993 a 1995 por força dos impactos da estabilização econômica e boom associados ao plano Real.

A Pirâmide Populacional e Classes Econômicas 1993, 1995 e 2003



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Finalmente apresentamos um retrato sintético da mudança de classes projetada entre 1993 e 2014 de fato configuram mudanças notáveis depois da chamada década perdida brasileira dos anos 1980s e começo dos anos 1990s.

Projeções Percentuais - Nesta parte, projetamos para o futuro cenários de crescimento da nova classe média baseados nas trajetórias recentes. Nossas projeções

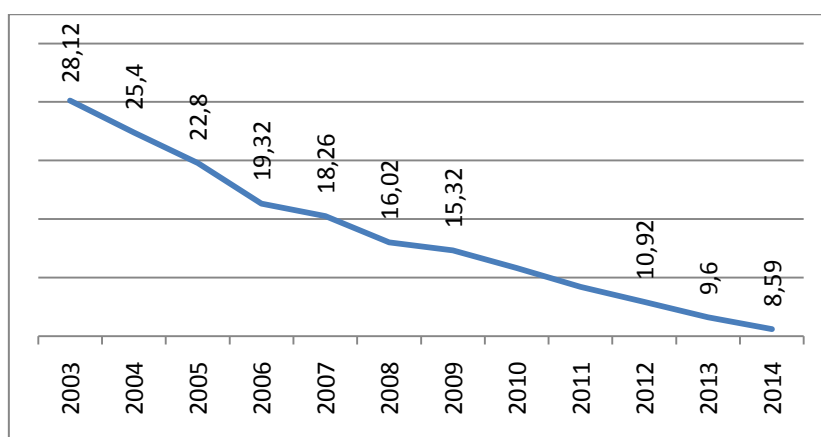
levam em consideração os avanços na desigualdade, ou seja, projetamos de forma diferenciada o crescimento presenciado por cada subgrupo de renda, assim como as particularidades regionais (avanços diferenciados para cada unidade da federação).

Em termos relativos ao total da população, conforme o gráfico abaixo aponta, se continuarmos na trajetória de crescimento e redução de desigualdade vistas em cada estado brasileiro desde 2003, a proporção de indivíduos na classe C cresce dos 37,56% em 2009 para 54,39% em 2011. Estamos aqui mais interessados em exercício de prazo mais longo, com desigualdade em queda como nos últimos seis anos. Inicialmente, num cenário neutro em termos distributivos, se a renda per capita crescer 4,7% ao ano nos próximos cinco anos, a classe média subirá para 56,22%, um aumento acumulado de 11%. Esse aumento seria ainda maior se o crescimento de renda viesse de mãos dadas com a redução da desigualdade recente. Nesse caso, a classe média chegaria aos 60,19%, com um crescimento de 19,3%.

O mesmo exercício foi realizado para as demais classes econômicas, lembrando que o mesmo foi projetado levando em conta a trajetória recente. As consequências desse movimento são as seguintes: queda da classe E (de 15,32% para 8,59%), assim como da D (de 23,62% para 16,36% da população em 2014). Os demais grupos caminham em direção contrária, com crescimento das classes C, B e A. Ou seja, se a trajetória dos últimos seis anos for repetida, a classe C passará de 50,45% para 60,19% da população. Os níveis projetados de evolução para as classes B e A são 8,02% e 6,83%, respectivamente.

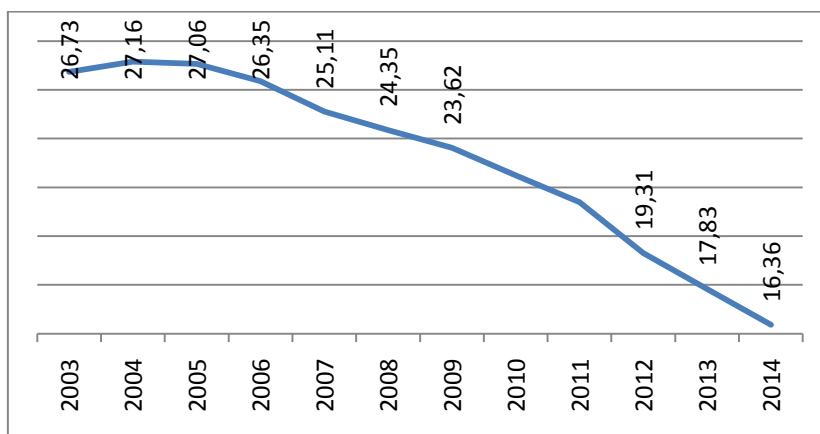
Projeção até 2014 - Classes Econômicas

Classe E - %



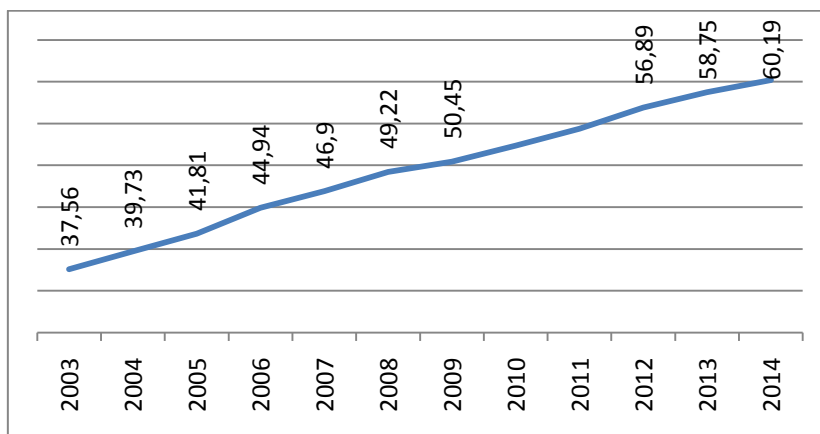
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Classe D - %



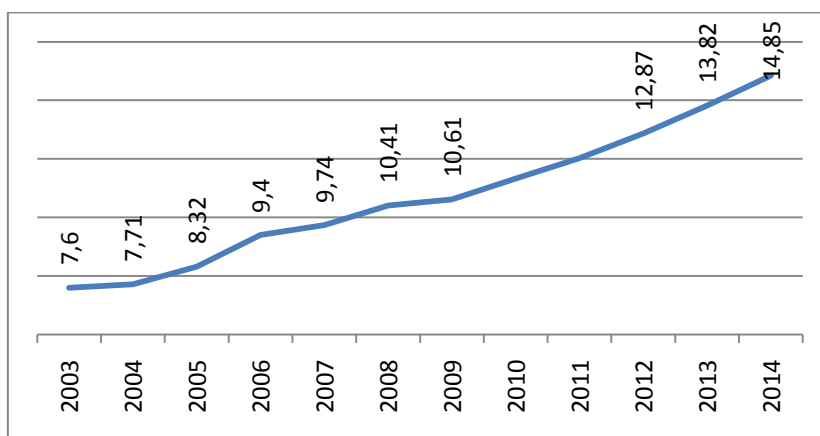
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Classe C - %



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Classe AB - %



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Vamos ilustrar o impacto da desigualdade em cenários assumindo um crescimento similar, mas balanceado - uma situação onde a desigualdade nem aumenta nem cai. A proporção de pessoas na classe C seria de 56,22% em 2014, ou seja, sobe 11,4% em cinco anos nesse cenário de crescimento neutro contra 19,3% ajudado pela redução da desigualdade. Vejamos agora o que aconteceria com os demais grupos de renda em 2014: classe E (chegaria a 10,02% da população), classe D (18,67%), classe B (7,63%) e classe A (7,46%). Comparando com os indicadores anteriores, percebemos que as Classes E e D caem mais, enquanto a classe média e alta (incluindo C, B e A) experimenta um aumento ainda maior se a redistribuição dos últimos anos se mantiver.

Décadas - Antes de voltarmos ao futuro, destrinchamos o passado à luz da análise das sucessivas décadas. As décadas de 1960 e 1970 foram as do Milagre Econômico, do crescimento, mas também da ditadura. Nos anos 70, houve brutal redução da pobreza, que caiu de 67% para 39%, mas trouxe, no seu bojo, a demanda por democracia, o que caracterizaria a década seguinte. A década de 80 foi a da redemocratização, a principal conquista da época, mesmo para nós economistas. A década termina em 1989, paradigmaticamente o ano que representou os nossos recordes históricos de inflação e de desigualdade, números que de alguma forma pontuam as duas décadas seguintes. A década de 80 foi também a da instabilidade: institucional, inflacionária e da renda, nos ensinando que o reaprendizado democrático gerou uma década perdida na economia.

A década de 1990 foi a da estabilização. Em 1994, Fernando Henrique, auxiliado pelos seus fiéis escudeiros, fincou a lança no coração do dragão da inflação. A partir daí, começamos - na primeira pessoa do plural - a planejar nosso futuro. Longe das incertezas e das ilusões monetárias, passamos a ter uma agenda real. A revolução do presidente com nome de príncipe não está na realeza, mas no sentido de realidade, propiciado pela moeda estável. A partir desse choque de realidade, começamos a engendrar numa agenda educacional, de colocar mais intensamente as crianças na escola. Começamos a medir o desempenho das crianças (o SAEB data de 1995) e, de alguma forma, essas duas revoluções, na inflação e na escola, entregaram parte das inovações da década de 2000. À medida que essas pessoas que passaram na escola começaram a entrar no mercado de trabalho e que se começou a redistribuir uma moeda estável através de programas de transferência de renda, a desigualdade começou a cair. Após a recessão de 2003, o emprego com carteira voltou a florescer.

Será a nova década a da qualidade da educação? Desde 2007, as bússolas tanto do Ministério da Educação como da sociedade civil, através do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e do movimento Todos pela Educação, apontam para o norte da qualidade educacional. São metas prospectivas vigentes até o começo da próxima década, em 2021, para que os dois séculos da independência o Brasil possam ser comemorados de fato. São metas objetivas, traçadas a partir de exames de proficiência escolar que captam a qualidade da educação apreendida pelas crianças, sem voz ou voto, para além do curto prazismo dos mandatos políticos. Qual é a meta? O Brasil tem uma nota inicial de 3.8, de 0 a 10. A meta é atingir a nota 6 até 2021. 6 é a média da OCDE atualmente. A gente quer virar, em 2021, o que a OCDE é hoje. A nota 6 também é a média das escolas privadas brasileiras, confirmando a verdadeira Belíndia brasileira. Na escola privada, onde quem tem dinheiro coloca seu filho, a média é 6, enquanto nas escolas públicas a média é 3.6. As metas de revolucionar a educação de qualidade na próxima década estão no centro da agenda da geração de economistas que faço parte.

Voltando a metáfora das décadas, talvez devêssemos deixar de lado o calendário gregoriano, já que os pontos de inflexão substantivos das inovações centrais de cada uma das décadas não foram no início de cada uma delas, mas coincidentemente em anos terminados em quatro: 1964 (início do governo militar), 1974 (início da distensão política depois do choque do petróleo), 1984 (Diretas-Já), 1994 (Plano Real) e 2004 (início da retomada do crescimento com aceleração no emprego, quando ocorreu a maior queda da desigualdade da década). Seguindo nesta tradição, o que 2014 nos reservaria para além da Copa do Mundo e das eleições? Coroaria dois períodos de cinco anos de crescimento inclusivo, iniciados depois do fim da recessão de 2003 e da crise global de 2009? Se o período 2010 a 2014 constituir de fato uma nova pequena grande década, então os 11 anos de 2003 a 2014 serão uma grande década.

O País do Futuro

“O Brasil é o recordista mundial de felicidade futura, dá uma nota média de 8,60 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015”

“A juventude não é determinada pela idade, mas pela postura da pessoa diante do seu futuro, de que o melhor da vida ainda está por vir.”

“Essa interpretação permite reconciliar duas qualificações atribuídas ao Brasil: "o país do futuro" e "país jovem" ”.

O Brasil é tetracampeão mundial de felicidade futura. Em uma escala de 0 a 10, o brasileiro dá uma nota média de 8,60 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015 superando, junto com o Turcomenistão, todos os demais 154 países da amostra, cuja média era 6,7 e a mediana 6,7. Essa interpretação permite entender a expressão “Brasil: o país do futuro” criada há 70 anos por Stefan Zweig. Antes, na expectativa com relação a 2011, 2012 e 2014, o Brasil já ocupava o lugar mais alto do pódio.

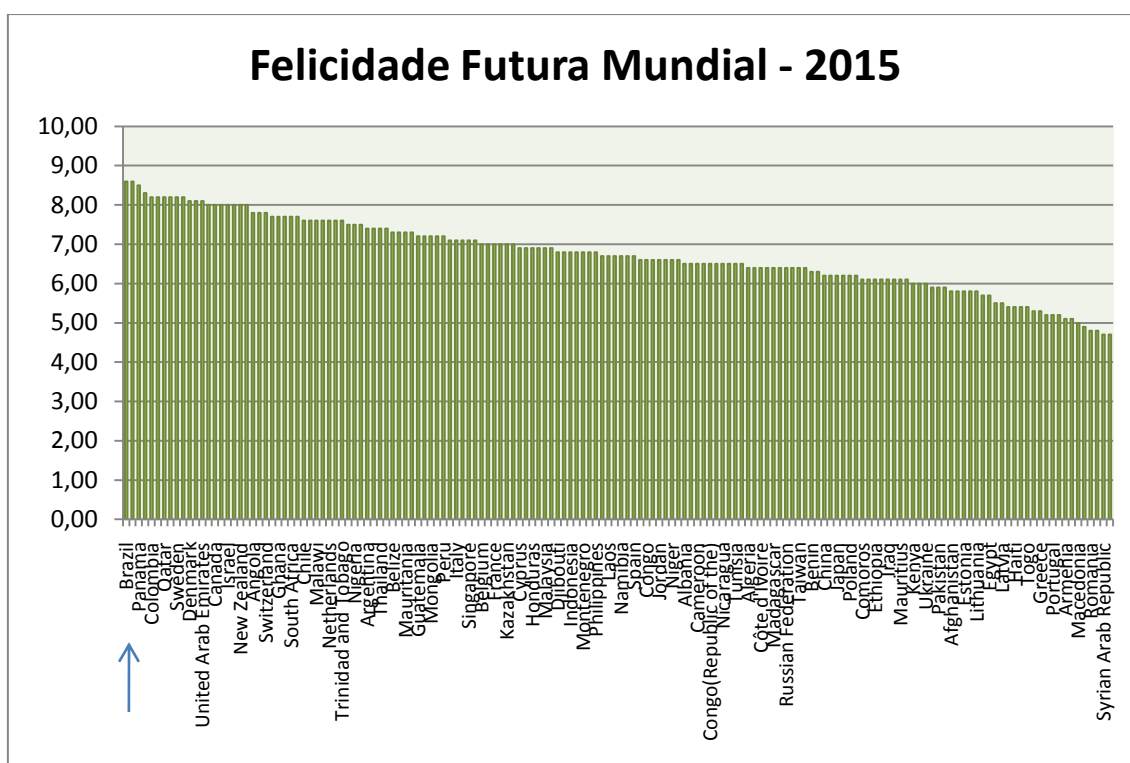
Na ordem, outros BRICS no ranking de felicidade futura em 2015: África do Sul com 7,7 na escala de 0 a 10, o 27º colocado em 153 países; Rússia com 6,4, o 105º colocado; China com 6,2, o 111º colocado e Índia com 6,1, o 119º colocado. Apresentamos a seguir tabela com ranking da Felicidade no Mundo, apresentando países organizados de 5 em 5, além dos emergentes BRICS e dos chamados PIIGS (leia-se Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha (Spain)), países que passam por dificuldades.

Ranking da Felicidade Futura no Mundo – 2015

	IFF	Rank		IFF	Rank
Brazil	8.6	1	Mali	6.6	86
Costa Rica	8.2	6	Congo	6.5	91
Denmark	8.1	11	Turkey	6.5	96
Ireland	8.0	16	Morocco	6.4	101
Switzerland	7.8	21	Russian Federation	6.4	105
United Kingdom	7.7	26	Senegal	6.4	106
South Africa	7.7	27	China	6.2	111
Netherlands	7.6	31	Slovenia	6.2	116
Austria	7.5	36	India	6.1	119
Argentina	7.4	41	Iraq	6.1	121
Uruguay	7.3	46	Sri Lanka	6.0	126
Peru	7.2	51	Estonia	5.8	131
Italy	7.1	56	Egypt	5.7	136
France	7.0	61	Haiti	5.4	141
Germany	7.0	62	Greece	5.3	145
Honduras	6.9	66	Portugal	5.2	146
Indonesia	6.8	71	Macedonia	5.0	151
Bangladesh	6.7	76	Syrian Arab Republic	4.7	156
Spain	6.7	81			

Fonte: Centro de Políticas Sociais – CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll

O brasileiro é aquele que apresenta maior expectativa de felicidade futura, superando inclusive a Dinamarca, líder mundial de felicidade presente, mas 11º do ranking de felicidade futura. Dinamarca era o 3º lugar em relação a 2011. Os lanterninhas são a Síria – país que vem enfrentando uma situação política conturbada, e o Burundi – país mais pobre do continente africano. Zimbábue, na África, quando passava por inflação e a guerra civil ocupava o último lugar em relação a 2011.



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll

No Brasil, a expectativa em relação ao futuro já era particularmente alta - na escala de 0 a 10, nossa nota média é 8,78, maior do que qualquer um dos 132 países então pesquisados. Outro estudo da FGV falava em medida subjetiva de classe média. Classe média, como a juventude, seria um estado de espírito de que a vida vai melhorar no futuro. Pois aí está, entre outras medidas *forward-looking*.

O Índice de Felicidade Futura (IFF) vira em inglês *Future Felicity Index* cuja respectiva sigla FFI, lembra as teclas de avanço rápido para frente dos aparelhos de vídeo e de som, que são linguagem universal. Na prática, o paradoxo do alto IFF do jovem brasileiro seria um grande SE.

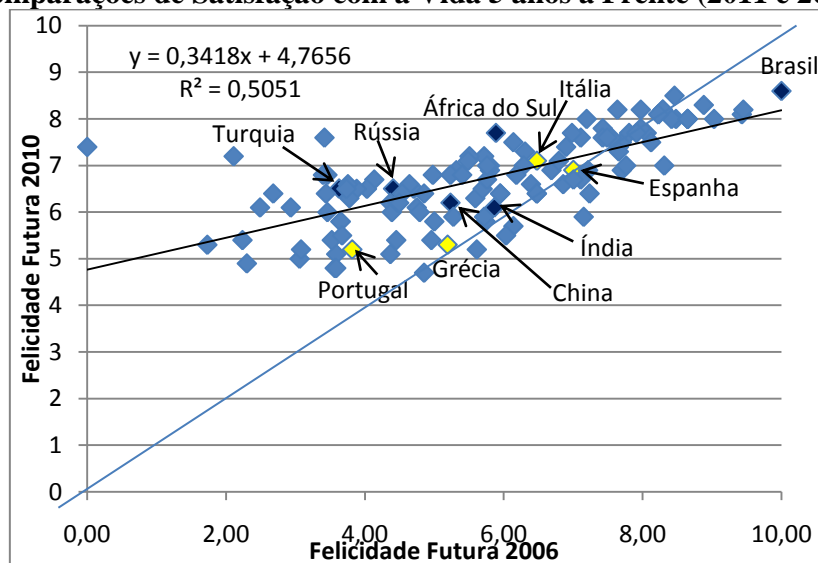
Nos perguntamos se haveria razão para otimismo da nossa população, em geral, e dos nossos jovens, em particular. O grosso das respostas a estas perguntas são endereçadas nas partes nacionais do presente livro.

Os dados abaixo comparam antes e depois da crise internacional as perspectivas para o futuro, dando destaque aos principais países emergentes (BRICS e Turquia) e aos países europeus em dificuldade (PIIGS). Os pontos acima da bisetriz sugerem que a perspectiva pós-crise (2010 em relação a 2015) é superior aquela vista desde antes (2010 em relação a 2015) e vice-versa. Se a bisetriz e a reta de regressão estivessem sobrepostas, indicaria que não houve grande mudança de positividade pessoal em

relação ao futuro. Os países dos PIIGS estão, em geral, um pouco acima, indicando melhoras de expectativas, em particular Portugal e Itália, que foram muito afetados pela crise financeira de 2008. No caso dos BRICS há um salto formidável da África do Sul e pequeno aumento das baixas expectativas de China e Índia, com deterioração do Brasil, mas mantendo o posto de mais alta expectativa futura.

Felicidade Presente - Em 2006, o Brasil era número 22 no ranking mundial de felicidade presente, acima da posição no ranking de renda, número 52 de 132 países. Ou seja, tínhamos mais felicidade presente que o nosso dinheiro no bolso sugeriria. De 2006 para 2009, a posição relativa do país aumentou de 22º lugar de 132 países para o 17º lugar em 146 países, e agora voltamos ao 22º lugar, mas entre 152 países. Estávamos em 2011 entre os 16,7% dos países mais felizes, em 2009 no auge da crise entre os 11,8% e em 2010 voltamos a faixa de 14,5%.

Comparações de Satisfação com a Vida 5 anos a Frente (2011 e 2015)

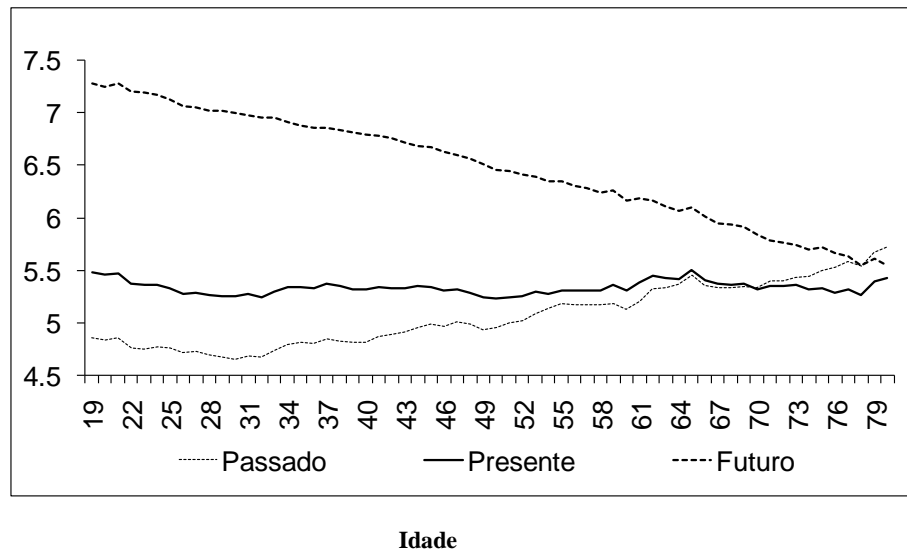


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll

País Jovem - A juventude é um estado de espírito, não determinado pela idade em si, mas pela postura da pessoa diante do seu futuro. O jovem acredita que o melhor da vida ainda está por vir. Nossa pesquisa inicial concebeu e calculou esta medida subjetiva de juventude em projeto para o BID a partir de uma nota de 0 a 10 reportada diretamente por cada um dos mais de 150 mil entrevistados no Gallup World Poll, em uma amostra inicial de 132 países. Mostramos a satisfação prospectiva de um cidadão do mundo com

a vida; a perspectiva de felicidade futura em relação a 2011, onde estamos agora, cai com a idade do indivíduo, de 7,41 aos 15 anos até 5,45 para aqueles com mais de 80 anos, quando as felicidades presente e futura se equivalem. Na idade das debutantes, a média futura é 3,3 pontos melhor que a média de felicidade presente.

Satisfação com a Vida em diferentes momentos e Ciclo de Vida (Idade)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll/2006

No Brasil, já era particularmente alta a expectativa em relação futuro - na escala de 0 a 10 nossa nota média foi 8,78, mais do que qualquer um dos 132 países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura, ou de atitude jovem. Essa interpretação permite reconciliar duas qualificações recorrentemente atribuídas ao Brasil: "o país do futuro", por uns, e "país jovem", por outros. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos é 9,29, também superior a qualquer outro país pesquisado.

O Futuro da Mulher (ou Mulher de Futuro)

As mulheres têm feito nos últimos anos uma das maiores, senão a maior, transformação de costumes da história recente da humanidade. Esta revolução cultural e econômica afeta boa parte dos países do mundo. No caso brasileiro, temos pela primeira vez uma mulher no posto maior da economia e um número cada vez maior de mulheres

em posições chave nas diferentes áreas da esfera federal. Estas conquistas podem levar a criação de modelos de comportamento (*role models*) para as gerações mais novas.

As PNADs de 2001 a 2009 mostram marcada redução de desigualdade de renda per capita. Esta desconcentração de renda continua até janeiro de 2012 segundo a PME, conforme a primeira seção deste trabalho. Conceitos de pobreza e de nova classe média são menos afetados pela maior equalização de renda feminina, pois se baseiam em renda familiar per capita. Por outro lado, eles captam os efeitos das conquistas trabalhistas femininas sobre a renda delas.

Do ponto de vista de geração de renda individual, observamos avanços na renda de grupos tradicionalmente excluídos como negros e pardos, analfabetos, nordestinos, moradores de favelas e do campo, assim como entre as mulheres. A renda individual delas sobe 38% contra 16% deles. Reportamos também a razão de rendas colocando a dos mais pobres no numerador. Neste caso a razão de rendas por sexo - mulheres por cima - sobe de 0,49 para 0,58 entre 2001 e 2009. Apesar destes resultados auspiciosos para as mulheres, os exercícios controlados reportados em nosso estudo da Década da Desigualdade (2011) mostram que a diferença de renda controlada (por educação, estado, etc.) por gênero não caiu, embora a mesma tenha caído para todos os grupos excluídos citados em relação aos seus respectivos grupos de referência mais incluídos.

Se tomarmos a PME no período de 2009 a 2011, não observamos mudanças similares de renda individual do trabalho. As rendas delas sobem 18,2% neste interim *pari passu*, com a renda deles subindo 18,4%. Se acumularmos as mudanças observadas entre 2001 e 2011 pela PNAD e PME, chegamos a ganhos de renda individual de 63,1% para elas contra 37,4% para eles.

Agora, em que medida esta mudança afeta as perspectivas futuras das mulheres de melhorar a vida? A literatura de felicidade tem endereçado esta questão através de índices subjetivos, como aqueles reportados na última seção. Uma das vantagens destes indicadores, ao contrário dos conceitos de renda per capita analisados, é captar as mudanças individuais delas para elas mesmas. Outra é situar as mulheres brasileiras no contexto das mulheres do mundo.

Mais concretamente, endereçamos algumas questões a saber: Quem é mais feliz, o homem ou a mulher? Como mudam os diferenciais de felicidade por gênero entre países? Mulheres solteiras são mais felizes do que as casadas? Qual é a idade da

felicidade? A exemplo do geral da nação, as brasileiras são também as que esperam mais felicidade no futuro? Elas estão aqui por cima ou por baixo deles?

Quem é mais feliz, o homem ou a mulher? As mulheres do mundo reportam maior felicidade que os homens no aspectos futuro (6,74 delas contra 6,69 deles), presente (5,35 delas contra 5,31 deles) e passado (4,94 delas contra 4,92 deles).

Mulheres solteiras são mais felizes do que as casadas? Os dados indicam que as mulheres solteiras apresentam felicidade futura média de 7,28, contra 6,68 das casadas. Por outro lado, as separadas apresentam níveis ainda menores de felicidade (separadas 6,57 e divorciadas 6,46). No caso das viúvas, as médias são ainda menores, 5,6.

Mulheres mais satisfeitas com a liberdade de comandar suas vidas reportam maior felicidade futura em relação às demais (7,05 contra 6,13).

Complementarmente, aquelas que têm filhos com menos de 15 anos de idade reportam expectativa de satisfação com a vida de 7,02, superior em média da expectativa das que não os tem (6,73). Antes de se arriscar alguma relação causal, é preciso levar em conta as diferenças de idade, entre estados civis e naquelas que têm filhos menores.

Qual é a idade da felicidade? A maior felicidade futura é reportada entre mulheres com 21 anos de idade (7,51) e a maior felicidade presente entre aquelas com 65 anos de idade. Já a maior felicidade passada é reportada entre aquelas com 81 anos de idade (6,27). Estes dados corroboram a idéia que felicidade futura cai com a idade. As mais jovens são mais positivas quanto ao seu futuro.

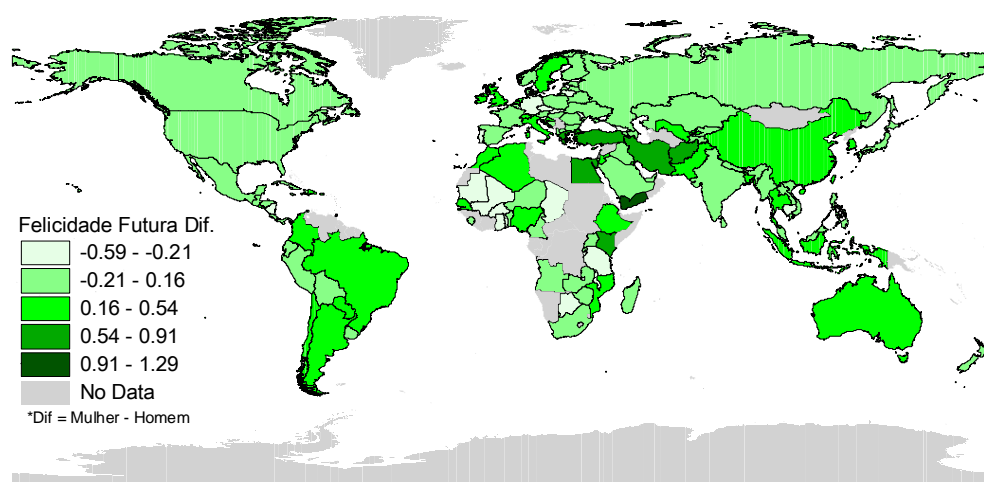
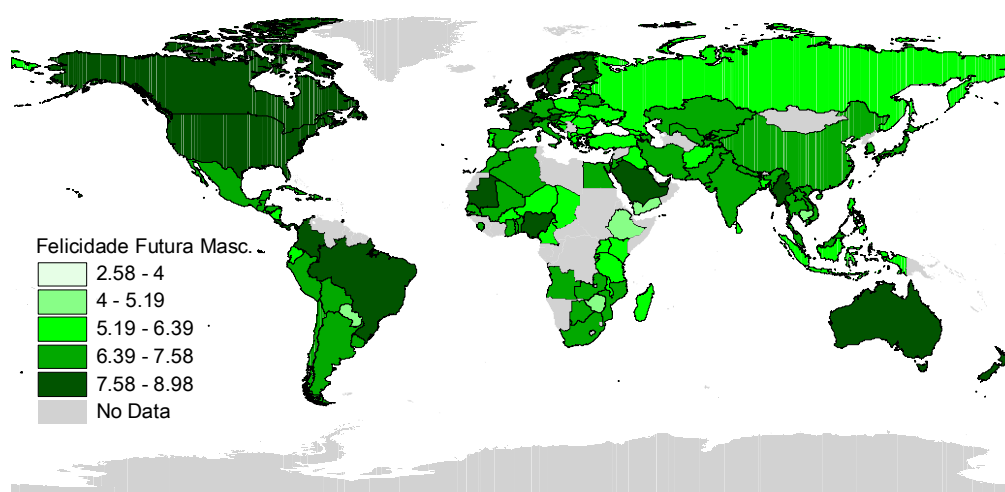
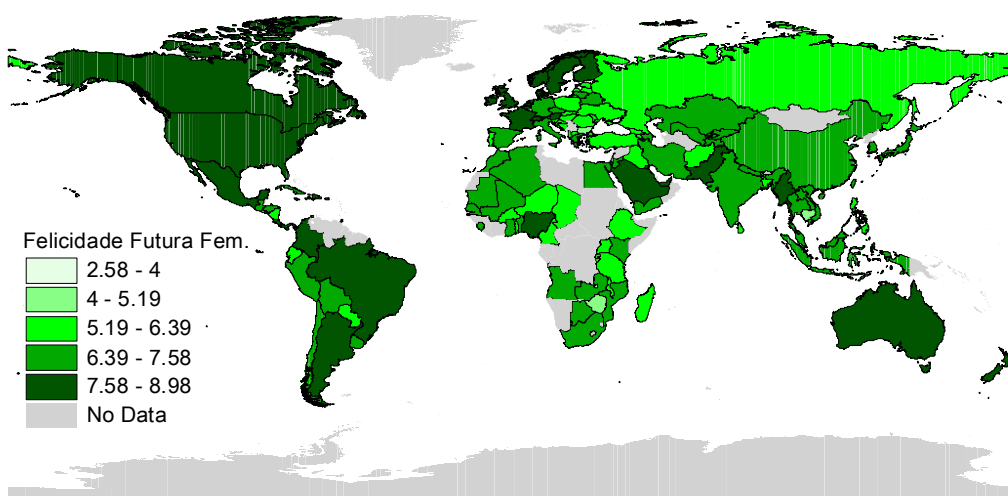
Qual é a geografia da felicidade futura feminina? No aspecto geográfico, a maior felicidade futura é encontrada entre as mulheres que vivem em cidades maiores (6,74), seguida das que vivem em cidades menores (6,31) e em áreas rurais (5,88).

No que tange aos países, apresentamos a seguir o mapa da felicidade futura por gênero e o diferencial entre eles. Na sequência, apresentamos os mesmos países listados na seção anterior que contemplam os extremos do ranking de felicidade em amostra de cinco em cinco, além de países de grupos dos emergentes BRICS e daqueles com dificuldades (PIIGS).

	Mulheres		Homens		Diferença	
	IFF	Rank	IFF	Rank	IFF	Rank
<i>Mundo</i>	6.74	-	6.69	-	0.05	-
<i>Americas</i>	7.22	-	7.1	-	0.12	-
<i>brazil</i>	8.98	1	8.56	1	0.42	0
<i>denmark</i>	8.51	3	8.52	2	-0.01	1
<i>ireland</i>	8.42	4	8.23	5	0.19	-1
<i>switzerland</i>	7.96	18	7.67	24	0.29	-6
<i>united kingdom</i>	7.89	22	7.68	23	0.21	-1
<i>argentina</i>	7.82	23	7.5	29	0.32	-6
<i>costa rica</i>	7.78	24	7.86	17	-0.08	7
<i>austria</i>	7.76	25	7.63	25	0.13	0
<i>france</i>	7.73	26	7.72	21	0.01	5
<i>netherlands</i>	7.67	29	7.44	34	0.23	-5
<i>egypt</i>	7.32	43	6.71	69	0.61	-26
<i>spain</i>	7.28	45	7.43	36	-0.15	9
<i>italy</i>	7.28	44	6.94	54	0.34	-10
<i>morocco</i>	7.27	46	6.95	53	0.32	-7
<i>senegal</i>	7.21	47	7.01	50	0.2	-3
<i>honduras</i>	7.17	51	7.25	43	-0.08	8
<i>mali</i>	7.13	52	7.46	31	-0.33	21
<i>uruguay</i>	7.12	53	7.08	48	0.04	5
<i>south africa</i>	6.87	61	6.8	63	0.07	-2
<i>greece</i>	6.81	62	6.2	92	0.61	-30
<i>india</i>	6.76	64	6.87	57	-0.11	7
<i>germany</i>	6.67	71	6.91	56	-0.24	15
<i>peru</i>	6.62	75	6.68	71	-0.06	4
<i>china</i>	6.61	76	6.44	85	0.17	-9
<i>indonesia</i>	6.57	79	6.23	91	0.34	-12
<i>sri lanka</i>	6.32	89	6.31	87	0.01	2
<i>turkey</i>	6.26	92	5.44	122	0.82	-30
<i>bangladesh</i>	6.16	94	5.85	109	0.31	-15
<i>estonia</i>	6.37	88	6.47	83	-0.1	5
<i>russia</i>	6.1	101	6.3	88	-0.2	13
<i>slovenia</i>	5.89	104	6.47	84	-0.58	20
<i>portugal</i>	5.68	113	6.02	102	-0.34	11
<i>macedonia</i>	5.48	123	5.5	121	-0.02	2
<i>iraq</i>	5.46	124	5.4	124	0.06	0
<i>haiti</i>	5.01	130	5.18	127	-0.17	3
<i>zimbabwe</i>	4.04	132	4.03	132	0.01	0

Fonte: Centro de Políticas Sociais – CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll -2006

Felicidade Futura (2011), por gênero e diferença entre eles



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll 2006.

Quem são mais felizes, os brasileiros ou as brasileiras? No Brasil, as mulheres são mais felizes que os homens nos aspectos de felicidade futura (8,98 delas contra 8,56 deles) e presente (6,73 delas contra 6,54 deles), mas não no passado (5,43 delas contra 5,86 deles). Isto sugere uma inversão de posições relativas à medida que avançamos no tempo. Notem que as mulheres e homens brasileiros apresentam as maiores notas de felicidade futura em suas respectivas categorias vis a vis todos os demais 132 países pesquisados. É necessário, entretanto, ter cuidados de forma a conferir em que medida as diferenças são estatisticamente diferentes de zero.

Sexo, Geografia e Satisfação com a Vida - Como vimos, a idade e, portanto, a composição demográfica, afeta os níveis de satisfação com a vida, em particular a felicidade futura. Logo, esta é uma variável que deveria ser controlada, assim como o tamanho de cidade (cidades grandes, médias e pequenas e áreas rurais). Estimamos um modelo logístico multinomial ordenado usando estes controles, de forma a captar as diferenças entre países nos três conceitos de felicidade.

A fim de verificar como a diferença entre homens e mulheres muda de país para país, usamos uma variante com as variáveis interativas país e gênero. Este modelo de diferença em diferença permite medir a razão dos sexos por país. Esta breve descrição é complementada na nota técnica, útil pois este modelo será traduzido sob a forma de um simulador que permite a cada um interagir com os resultados de forma amigável.

Os resultados sugerem que:

- i) De fato, as mulheres apresentam maiores níveis de felicidade futura e presente do que os homens do mundo, mas as diferenças favoráveis aos homens em relação à felicidade passada não são estatisticamente significativas.
- ii) Nenhum país apresenta níveis de felicidade futura, com ou sem controles, superiores aos do Brasil.
- iii) Nenhum país do mundo apresenta diferenças de felicidade futura entre mulheres e homens estritamente favoráveis às primeiras maiores do que as observadas no Brasil.⁸

Em suma, o Brasil não foi campeão mundial de felicidade futura somente nas ligas feminina e masculina, mas também nas diferenças de sexo com as mulheres por cima.

⁸ Os únicos países que apresentam valores superiores aos do Brasil são Grécia, Porto Rico e Turquia, mas seus coeficientes não são estatisticamente diferentes de zero. ⁸

Simulador de Felicidade Futura:

Ferramenta que permite simular a média atribuída à felicidade (passada, presente e futura), de cada indivíduo, sendo homem ou mulher, em diferentes países do mundo.

Disponível em <http://www.fgv.br/cps/bd/ncm2014/IndiceFelicidade/index.htm> e no site da pesquisa, este dispositivo permite obter as médias, através da combinação de diferentes características pessoais. Basta selecionar as informações de acordo com seus atributos ou aqueles que deseja analisar. Depois de preencher o formulário, clique em Simular.

O gráfico gerado com a probabilidade apresenta duas barras (uma para homens e outra mulheres). Além disso, apresentamos lado a lado barras com o Cenário Atual, segundo as características selecionadas; a outra, o Cenário Anterior apresenta a simulação anterior.

Simulador de Felicidade e Gênero
Sexo, Geografia e Satisfação com a Vida
Modelos Estimados - clique aqui

Sexo:

Idade:

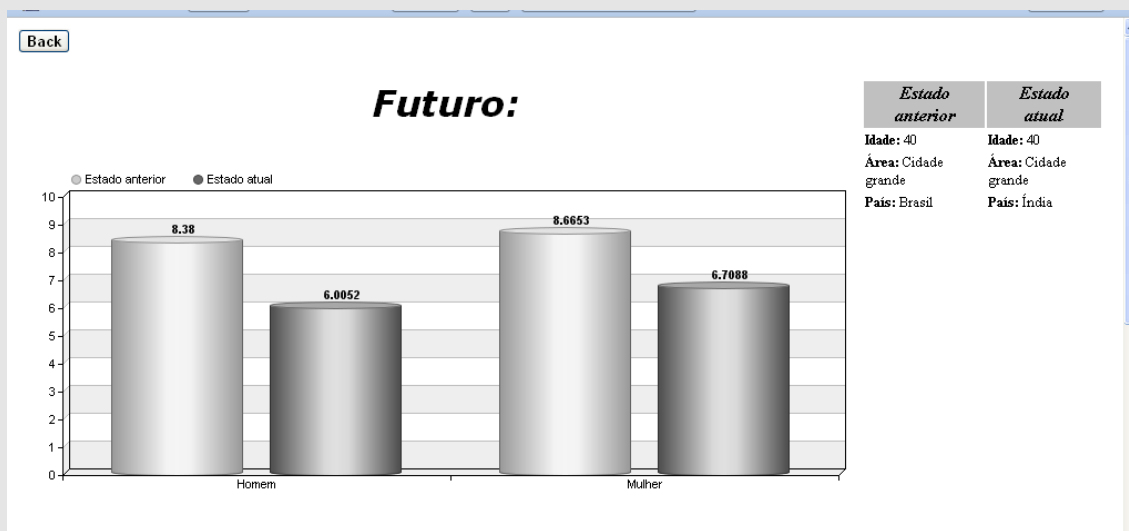
Área:

País:

Simular

Reiniciar

Fonte: CPS/FGV processando microdados do World Gallup Poll



O Coletivo de Brasileiro

“A felicidade geral da nação, 6,84, menor do que a soma das felicidades de cada um, que é 8,78. O problema é mais do Brasil do que de cada brasileiro.”

“Como cada brasileiro pode dar uma nota tão alta para sua vida e dar uma nota tão baixa para a vida de todos?”

A vida de cada brasileiro vai melhor do que a do coletivo de brasileiros, leia-se do Brasil. Esta é a impressão tirada da leitura do Gallup World Poll. Na pergunta subjetiva sobre a expectativa da satisfação de vida de cada pessoa em cinco anos, se referindo a expectativa para o ano de 2011, numa escala de 0 a 10 a média brasileira foi de 8,78, a maior de 132 países. Já na pergunta que se refere à nota do país no mesmo período e na mesma escala, a nota cai dois pontos. Somos o nono país do mundo com maior diferença de notas individuais e coletivas. A felicidade geral da nação é menor que a soma das felicidades de cada um. Como cada brasileiro pode dar uma nota tão alta para sua vida e dar uma nota tão baixa para a vida de todos? Eis a questão.

A dissonância entre as percepções de vida de cada brasileiro sobre sua vida e sobre a vida de todos os brasileiros é uma marca tupiniquim, a nossa jabuticabeira. Talvez fruto destas percepções, os grandes problemas brasileiros sejam de natureza coletiva, e não individuais. Não que os últimos não sejam problemas aqui relevantes, pois em todas as partes sempre o são. Porém, a nossa dificuldade diferenciada enquanto nação, vis a vis as demais, está mais na relação entre pessoas. Isto é, o problema do Brasil é mais do Brasil como um todo do que de cada brasileiro. Na verdade, este poderia ser um enunciado alternativo da famosa lei de Gerson: “o brasileiro quer tirar vantagem em tudo”. Por problemas coletivos temos concretamente a desigualdade, inflação, informalidade, violência, falta de democracia, entre outros. Mas por que chamá-los de problemas coletivos? Por exemplo, a desigualdade, ao contrário da pobreza, é um conceito relacional que não existe no indivíduo tomado isoladamente. Não podemos dizer que uma pessoa é desigual, mas dizemos que uma pessoa é, ou não é, pobre. O Brasil não é um país pobre, mas temos muitos pobres, pois somos desiguais. Muitos têm pouco, enquanto poucos muito têm.

A pobreza brasileira resulta da alta desigualdade brasileira, e não da baixa renda média brasileira. Ou seja, deriva de um problema inerente ao coletivo brasileiro.

Similarmente, a violência é de natureza relacional, de um contra todos e de todos contra um. Isto se aplica tanto na agressão dos assaltos e dos homicídios como na violência do trânsito. Mais uma vez, refletem problemas de relacionamento entre brasileiros. E o suicídio, não é violência? O suicídio é uma auto-violência da pessoa contra ela mesma, mas a nossa taxa de suicídio é relativamente baixa em comparação com a de outros países “mais civilizados” como Suécia e Japão. Ou seja, o problema da violência aqui é coletivo.

A informalidade é outro problema de relacionamento de pessoas físicas e jurídicas em relação ao Estado. Esses problemas são coletivos, materializados na evasão fiscal ou na ocupação do espaço público, que a princípio deveria ser de todos. A falta de instituições e práticas democráticas é outra dimensão mais óbvia desta dificuldade de funcionamento em coletividade. Finalmente a inflação, um destaque maior. Apesar de termos feito a estabilização há 15 anos, o Brasil no período 1970 a 2008 é o segundo país do mundo em inflação acumulada, só perdendo para o Congo. O fenômeno da inflação guarda sempre conflitos distributivos, seja na disputa entre o Estado e a população, em geral na busca do imposto inflacionário encerrada na visão monetarista do fenômeno, seja na visão mais estruturalista de agricultura versus indústria, ou do velho capital versus trabalho. A disputa entre diferentes atores por parcelas no bolo de renda traduzidas em reajustes dos respectivos preços, salários, câmbio, impostos e tarifas públicas geraria a chamada irracionalidade coletiva.

As externalidades negativas emanadas pelo oportunismo individualista faz com que o todo seja menor que a soma das partes. Este fenômeno é objeto de vários clássicos brasileiros, como os de Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Da Matta, só para citar alguns.

A novidade das últimas três décadas, chamadas por muitos de perdidas, é que pudemos, através da melhora de relacionamentos, dar um salto enquanto sociedade. As décadas de 60 e 70 foram de crescimento, período chamado de milagre econômico brasileiro pela ditadura militar iniciada em 1964. Não por coincidência, quando o crescimento começou a escassear devido ao choque do petróleo, observamos o começo da distensão política, iniciada após a vitória eleitoral da oposição em 1974. O processo culmina nos anos 80, a década da redemocratização, cujo ápice foi o movimento “Diretas Já” de 1984. Terminamos os anos 1980 com eleição direta para presidente, mas também com os nossos recordes históricos de desigualdade e inflação, que marcariam a

agenda das décadas seguintes. Os anos 90 podem ser chamados de década da estabilização, após o advento do Plano Real em 1994. Já os anos 00 podem ser chamados de década da queda da desigualdade de renda, já a partir de 2001. Em 2004, a redução de desigualdade vem acompanhada da volta do crescimento da economia e da aceleração de novos empregos com carteira. Isto é, tivemos conquistas em dois de nossos históricos problemas coletivos, desigualdade e informalidade. Ao mesmo tempo, consolidamos as frentes da redemocratização e da estabilidade econômica. Depois das turbulências financeiras associadas ao pleito de 2002, a estabilidade econômica valeu como uma espécie de segundo Plano Real.

A volta do crescimento, desde 2004, torna o processo redistributivo um jogo de somas positivas, onde o ganho de maiores fatias do bolo pelos mais pobres não implica em perdas absolutas dos mais ricos. Fica mais fácil pensar em prol da coletividade quando perdas não estão sendo repartidas. Todas estas conquistas coletivas, mais do que consolidadas, parecem estar em movimento para frente, independentemente de quem comande o Brasil, pois o estoque de problemas associados e a possibilidade de avanço são ainda muito grandes. Que novo avanço buscar para 2014 para além da Copa do Mundo de futebol, o nosso derradeiro evento coletivo?

Conclusões:

A presente pesquisa busca projetar a evolução de classes econômicas (A, B, C, D e E) até 2014, traçar as expectativas de satisfação com a vida do Brasil versus demais países até 2015 e captar a evolução da distribuição de renda brasileira pós-crise européia até janeiro de 2012. As principais conclusões estão arroladas abaixo:

Crônica da Crise (até janeiro de 2012)

- A crise européia não chegou ao bolso brasileiro. Crescimento de renda familiar per capita média de 2,7%, coincidindo com o crescimento observado entre 2002 e 2008 e superior aos 0% produzidos em 2009 em decorrência da crise de 2008 e os -4,57% da crise asiática
- Em 12 meses terminados em janeiro de 2012 a pobreza caiu 7,9%, ritmo três vezes mais rápido que o da meta do milênio da ONU.
- Nos 12 meses até janeiro de 2012 o Gini caiu 2,1%, taxa quase duas vezes mais acelerada que a dos primeiros anos da década passada, que ficou conhecida como da queda da desigualdade.
- O Gini do Brasil caiu de 0,596 em 2001 para 0,519 em janeiro de 2012, cerca de 3,3% abaixo do seu piso histórico de 1960.

Cenários de Classes (2014)

- Usamos o período de 2003-09 como base para traçar o cenário de 2010 a 2104.
- Contando o acréscimo de 8 milhões na população previsto desde 2009, cerca de 12 milhões de pessoas sairiam da pobreza (classe E).
- A união das classes ABC seria incrementada de 32,2 milhões de brasileiros incorporados aos mercados consumidores.
- A nova classe média chegará aos 60,19%, crescimento de 19,3%.
- A pobreza cairia 40% e a classe AB subiria 40% até 2014.
- Iremos falar de nova classe A como falamos hoje de nova classe C

Felicidade Futura (2015)

- Somos tetracampeões mundiais de felicidade futura. Na última, para 2015, a média brasileira foi de 8,6 contra 6,7 da média mundial.
- Simbolicamente a menor felicidade futura do mundo está agora na Síria (dados já de 2011 para 2016).
- Outros BRICS no ranking de felicidade futura são: África do Sul com 7,7 (o 27º lugar); Rússia com 6,4 (105º colocado); China com 6,2 (111º lugar) e Índia com 6,1 (119º lugar).
- Isto permite reconciliar duas qualificações atribuídas ao Brasil: país do futuro e país jovem, pois a felicidade futura cai com a idade.
- O “Brasileiro, Profissão Esperança” é também o espírito da nossa nova classe média de que a vida vai melhorar.
- A expectativa de felicidade geral da nação é quase dois pontos menor do que a soma das felicidades de cada um. O problema é mais do Brasil do que de cada brasileiro.
- Como cada brasileiro pode esperar tanto para a sua vida e dar uma nota tão baixa para a vida de todos? A nota de todos não pode superar a média geral da nação.
- Os grandes problemas brasileiros não eram (ou são) individuais, mas coletivos: desigualdade, inflação, informalidade, violência, falta de democracia. Podemos dar saltos como sociedade.

Felicidade Feminina Futura (2011)

- As mulheres do mundo apresentam maiores níveis de felicidade futura que os homens (6,74 delas contra 6,69 deles), sendo estatisticamente diferentes.
- As brasileiras são mais felizes que os brasileiros nos aspectos futuro (8,98 delas contra 8,56 deles) e presente (6,73 delas contra 6,54 deles).
- Nenhum país, com ou sem controles estatísticos, apresenta níveis de felicidade futura superiores aos do Brasil e diferenças de felicidade futura entre mulheres e homens favoráveis às primeiras maiores que as do Brasil.
- O Brasil não foi campeão mundial de felicidade futura somente nas ligas feminina e masculina, mas também nas diferenças de sexo com as mulheres por cima.

Bibliografia

- ANDERSON, C. **The long tail**. Londres, Random House Business Books. 2006.
- ARAGÃO, M. Políticas públicas y clases medias: el caso brasileño. *In: Alicia Bárcena e Narcís Serra* (orgs.), **Clases Medias y Desarrollo em América Latina**. Santiago de Chile: Cepal, 2010.
- ATKINSON, A. B. “**Concentration among the Rich**”, *Research Paper*, 2006/151, UNU – WIDER. 2006.
- BANERJEE, ABHIJIT V. and DUFLO, ESTHER. **What is middle class about the middle classes around the world?**, mimeo, MIT December 2007.
- BARROS, R. P. de; FOGUEL, M. N.; ULYSSEA G. (Orgs.). **Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente**. Rio de Janeiro: IPEA, 2007.
- BARROS, R. P. de; NERI, M. C. **An Evaluation of The Measurement of Income and Expenditures in Brazilian Household Surveys: POF X PNAD**, Anais do Encontro da Sociedade Brasileira de Econometria, 1995.
- BIRDSALL, N.; GRAHAM, C.; PETTINATO, S. “**Stuck In Tunnel: Is Globalization Mudding The Middle Class?**” Brookings Institution, Center on Social and Economic Dynamics WP No. 14, 2000.
- BOOT, H. M. “**Real Incomes of the British Middle Class, 1760-1850: The Experience of Clerks at the East India Company**”. *The Economic History Review*, 52 (4), 638-668 p. 1999.
- CAMPOS, R. de O. “**Lanterna na Popa - memórias**”, 2 volumes, 4º edição, Editora Topbooks, Rio de Janeiro, 1994. 1417 p.
- CARDOSO, E.; BARROS, R.; URANI, A. **Inflation and unemployment as determinants of inequality in Brazil: the 1980s**, Chapter 5. *In: DORNBUSCH, R.; EDWARDS, S. (Eds.), Reform, recovery and growth: Latin America and the Middle-East*. Chicago: University of Chicago Press for the NBER, 1995.
- CASTEL, R., **La inseguridad social ¿Qué ES estar protegido?**, Buenos Aires, Manantial. 2002.
- CRUCES, G. & GASPARINI, L. “**Programas Sociales en Argentina: alternativas para la ampliación de la cobertura**,” *Working Papers* 0077, CEDLAS, Universidad Nacional de La Plata, 2008.

CRUCES, G., CALVA, L.F. & BATTISTÓN, D. **"Down and Out or up and in?: Polarization Based measures of middle class for Latin America "** mimeo, CEDLAS, Universidad Nacional de La Plata, 2009.

DEATON, A. **"Income, Aging, Health and Wellbeing Around the World: Evidence from the Gallup World Poll,"** NBER Working Paper No. 13317, National Bureau of Economic Research, Inc., 2007.

DOEPKE, M.; ZILIBOTTI, F. **"Social Class and the spirit of capitalism"**, *Journal of the European Economic Association* 3, 516-24. 2005.

DORNBUSCH, R. (1997), **Bye Bye Middle Class**, citado em <http://econ-www.mit.edu/faculty/dornbusch/editorials>.

ESTEBAN, J.; RAY, D. **"On the measurement of polarization"**. The Econometric Society. Vol. 62, p. 819–852., 1994.

ESTEBAN, J.; GRADÍN, C.; RAY, D. **"Na extension of a measure of polarization with an application to the income distribution of five OECD Countries."** *The Journal of Economic Inequality*, Volume 5, Number 1, April 2007.

ESTERLY, W. **"The Middle Class consensus and economic development"**, *Journal of Economic Growth*, vol. 6 N° 4. 2001. 317-335 p.

FERREIRA, F.; LANJOUW, P.; NERI, M. C. **A Robust poverty profile for Brazil using multiple data sources**. Revista Brasileira de Economia 57 (1), p. 59-92, 2003.

FREDERICK, J. **"Thriving in the middle kingdom"**, TIME Magazine, November, 2002.

FREY, B. S.; STUTZER, A. **"The economics of happiness"**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.

FRIEDMAN, T. L. **O Mundo é plano**. Uma Breve História do Século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GAGGI, M.; Narduzzi, E. **"El fin de la clase media y el nacimiento de la sociedad de bajo coste"**, Madrid, Lengua de Trapo. 2007

GASPARINI, L. **Different lives: inequality in Latin America the Caribbean, inequality the state in Latin America the Caribbean World Bank LAC Flagship Report 2003**. Washington, D.C.: World Bank, 2003. Mimeografado.

GASPARINI, L.; Horenstein, M.; Olivieri S **"Economic Polarisation in Latin america and the Caribbean: What do Household Surveys Tell Us? "** *Working Papers* 008, CEDLAS, Universidad Nacional de La Plata, 2006.

GIDDENS, A., “**La estructura de las clases en las sociedades avanzadas**”, Madrid, Alianza Editorial, 6ª ed. 1996.

GOLDMAN SACHS - WILSON, DOMINIC AND DRAGUSANU, RALUCA “**The expanding middle: the exploding world middle class and falling global inequality**” - Goldman Sachs Economic Research/Global Economics Paper nº 170, 2008.

GRAHAM, Carol. **Happiness around the world: the paradox of happy peasants and miserable millionaires**. New York: Oxford University Press, 2009.

HOBSBAWM, Eric. “**A Era dos Extremos: O Breve Século XX**”, Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

HOPENHAYN, M. **Clases médias em América Latina: sujeito difuso em busca de definição**. In: *Alicia Bárcena e Narcís Serra* (orgs.), *Clases Medias y Desarrollo em América Latina*. Santiago de Chile: Cepal, 2010.

IPEA. **Sobre a queda recente da desigualdade no Brasil**, 2006. (Nota técnica).
KAHNEMAN, D., DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Eds.) “[well-being: the foundations of hedonic psychology](#)”. New York, Russell Sage Foundation, 1999.

KAKWANI, N.; NERI, M.; SON, H. **Linkages between pro-poor growth, social programmes labour market: the recent brazilian experience**. *World Development*, vol 38, N.6, 2010

KRUGMAN, P. **The conscience of a liberal**, Nova York-Londres, Norton. 2007.

LAM, D.; LEVISON, D. "Age, Experience and Schooling: decomposing earnings inequality in the United States and Brazil." *Sociological Inquiry*, 62 (2): 218-45. Reprint Nº. 384. 1992.

_____. "Declining inequality in schooling in Brazil and its effects on inequality in earnings." *Journal of Developmental Economics*, 37: 199-225. Reprint Nº. 370. 1992

LANGONI, C. **Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 3ª edição 2005, 1973

LAYARD, R. **Happiness: lessons from a new science**, Nueva York, Penguin Press. 2005

LUSTIG, N.; CALVA, L. F., ORTIZ-JUAREZ, Eduardo. “[The decline in inequality in Latin America: how much, since when and why](#)”, *Working Paper*, Nº1118, Tulane University, 2011.

MILANOVIC, B. **The Haves and the Have-Nots: a short and idiosyncratic history of global Inequality**, Basic Books, 2011.

MILLS, C. W.; RUSSELL, J. **White Collar: The American Middle Classes**, Oxford University Press, 1951.

MINUJIN, A. **Vulnerabilidad y resiliencia de la clase media en América Latina**. In: *Alicia Bárcena e Narcís Serra (orgs.), Clases Medias y Desarrollo em América Latina*. Santiago de Chile: Cepal, 2010.

MORIN, R. “**America’s four middle class**”, Pew Research Center. 2008.

NERI, M. C. **A Nova Classe Média: O Lado Brilhante da Base da Pirâmide**, Editora Saraiva, São Paulo, 2011. 312 p.

_____. **Desigualdade de Renda na Década**, mimeo, Rio de Janeiro: FGV, 2011. see: <www.fgv.br/cps/dd> (also available in English)

_____. **Microcrédito, o mistério nordestino e o Grameen brasileiro: perfil e performance dos clientes do CrediAMIGO**, Editora da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. 370 p.

_____. **A Nova Classe Média**, mimeo, Rio de Janeiro: FGV, 2008a. see: <http://www.fgv.br/cps/classe_media> (also available in English)

_____. **Miséria e a nova classe média na década da igualdade**, mimeo, Rio de Janeiro: FGV, 2008. see: <http://www.fgv.br/cps/desigualdade/> (also available in English)

_____. **Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas**. Brasília : Ministério da Previdência Social, 2003, v.1. p.324.

_____. **Ensaio Sociais**. Rio de Janeiro : Fundação Getulio Vargas, 2003, v.1. p.158.

_____. **Inflação e Consumo: Modelos Teóricos Aplicados ao Imediato Pós-Cruzado**, Tese de Mestrado, Publicado pelo BNDES, 1990 p.145.

NERI, M. C. e CONSIDERA, C. Crescimento, desigualdade e pobreza: o impacto da estabilização. In: **Economia brasileira em perspectiva 1996**, Rio de Janeiro: IPEA, 1996, v.1, p. 49-82.

OCDE Report. **Latin American Economic Outlook 2011: How Middle-Class is Latin America?** OCDE Development Centre, 2010.

PARDO-PARADA, H. “**¿Clases Medias o sectores médios?**”, *Nueva Sociedad*, Nº 49, Lima, Julho-Agosto, pp. 5-19. 1980.

PORTES, A.; HOFFMAN, K. **“La estructura de clase em América Latina: composición y câmbios em La época neoliberal”** *Estratificación y movilidad social em América Latina*, R Franco, A. León y R. Atria (Eds.), Santiago de Chile, CEPAL, LOM Ediciones. 2007.

PRAAG, Bernard M. S. Van & FERRER-I-CARBONELL, A. **Happiness Quantified: A satisfaction calculus approach. Revised Edition.** New York, Oxford University Press, 2008. PRESSMAN, S. **“Decline of the Middle Class: Na International Prespective”**, *The Journal of Economic Issues*. Março, 2007.

SINGER, André. **Raízes sociais e ideológicas do Lulismo.** Novos estudos, nº 85, Nov. 2009.

SKOCPOL, T. **The Missing Middle: Working Families and the Future of American Social Policy**, Norton. 2000.

SMITH, Adam. **“A Riqueza das Nações”**. Editora: Zahar. Londres, 1776.

SOLIMANO, A. La clase media y El proceso de desarrollo econômico: evidencia internacional para 130 países. In: *Alicia Bárcena e Narcís Serra (orgs.), Clases Medias y Desarrollo em América Latina*. Santiago de Chile: Cepal, 2010.

SOUZA, José. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** / Jessé Souza; colaboradores Brand Arenari... [et. al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354 p.

SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. **A Classe Média Brasileira: Ambições, Valores e Projetos de Sociedade.** Editora: Campus/Elsevier , 2010

STIGLITZ, J.; SEN, A e FITOUSHI, **Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress**, 2009. September, 2009.

TAYLOR, P. et. All. **Inside the new middle class: bad times hit the good life**, Pew Research Center, A Social and Demographic Trends Report. 2008.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um País do Futuro.** 1ª Edição. Editora L&PM Pocket, 2006. 264 p.

